

**Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais**

Mestrado em Relações Internacionais e Estudos Europeus

Dissertação

**O ativismo feminista no mundo árabe e o papel das redes sociais: um estudo de caso do Catar (2011-2021)**

Isabela Mororó de Carvalho

Orientador(es) | Evanthia Balla

Irene Viparelli

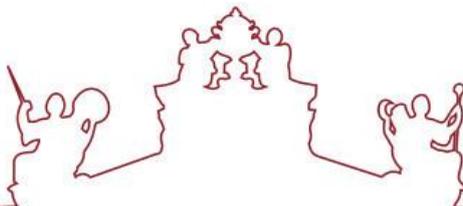
Évora 2023

---

---

---

---



**Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais**

Mestrado em Relações Internacionais e Estudos Europeus

Dissertação

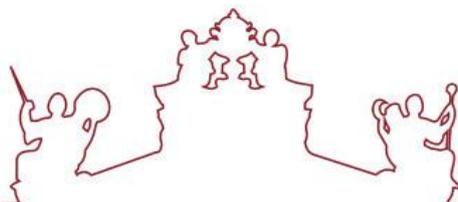
**O ativismo feminista no mundo árabe e o papel das redes sociais: um estudo de caso do Catar (2011-2021)**

Isabela Mororó de Carvalho

Orientador(es) | Evanthia Balla  
Irene Viparelli

Évora 2023





A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Silvério Carlos Rocha-Cunha (Universidade de Évora)

Vogais | Sílvia Roque (Universidade de Évora) (Arguente)

Évora 2023



## **O ATIVISMO FEMINISTA NO MUNDO ÁRABE E O PAPEL DAS REDES SOCIAIS: UM ESTUDO DE CASO DO CATAR (2011 – 2021)**

### **Resumo**

A dissertação em questão tem como objetivo examinar as influências teóricas que moldam o ativismo feminista no mundo árabe, em um contexto pós-Primavera Árabe, em que as redes sociais desempenham um papel cada vez mais proeminente. A evolução da teoria feminista e os eventos que impactaram o desenvolvimento do feminismo árabe são contextualizados, destacando o papel da globalização e da Primavera Árabe na disseminação do uso das redes sociais como ferramenta de mobilização social. Por fim, ao implementar um estudo de caso sobre o ciberativismo feminista no Estado do Catar, caracterizamos o ativismo feminista no país e identificamos os eixos temáticos abordados pelas ativistas para definir padrões de comunicação entre esse grupo, utilizando a metodologia de análise de conteúdo do Twitter. Através desse estudo, foi possível identificar os eixos temáticos abordados pelas ativistas para, então, definir padrões de comunicação entre o grupo. A análise de conteúdo do Twitter permitiu uma compreensão mais detalhada da participação e engajamento das ativistas no ciberativismo feminista, bem como das estratégias de comunicação utilizadas no contexto das redes sociais.

**Palavras-chave:** Movimento feminista; rede social; feminismo secular; feminismo islâmico; ativismo digital; mundo árabe.

# **THE FEMINISM ACTIVISM IN THE ARAB WORLD AND THE ROLE OF SOCIAL MEDIA: A CASE OF STUDY OF QATAR (2011 – 2021)**

## **Abstract**

The aim of this dissertation is to examine the theoretical influences that shape feminist activism in the Arab world, in a post-Arab Spring context where social media plays an increasingly prominent role. The evolution of feminist theory and the events that impacted the development of Arab feminism are contextualized, highlighting the role of globalization and the Arab Spring in the dissemination of social media as a tool for social mobilization. Finally, by implementing a case study on feminist cyberactivism in the state of Qatar, we characterized feminist activism in the country and identified the thematic axes addressed by activists to define communication patterns within this group using the Twitter content analysis methodology. Through this study, it was possible to identify the thematic axes addressed by activists and to define communication patterns within the group. The Twitter content analysis allowed for a more detailed understanding of the participation and engagement of activists in feminist cyberactivism, as well as the communication strategies used in the context of social media.

**Keywords:** Feminist movement; social media; secular feminism; Islamic feminism; digital activism; Arab world.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Universidade de Évora por me acolher pela segunda vez e pelo privilégio de chamar Évora de lar. Às professoras Evanthia Balla e Irene Viparelli pela paciência e suporte ao longo dos meses que envolveram o planejamento e elaboração da tese. Além de estimularem o pensamento crítico e a adoção de uma abordagem analítica, as professoras mostraram-se compreensivas diante dos desafios enfrentados pela autora durante o processo de escrita.

À minha família que desde sempre têm sido os meus grandes incentivadores e nunca me permitiram desistir. Aos meus pais, Cláudia Mororó e Maurício Martins, que me ofereceram o suporte financeiro e emocional para que fosse capaz de lidar com a experiência desafiadora de morar sozinha no estrangeiro, e me deram a oportunidade de conhecer a realidade do Médio Oriente que, por conseguinte, me incentivou a investigar esta temática. Às minhas irmãs, Marcela Mororó e Alexandra Mororó, que demonstraram o seu apoio e carinho durante os momentos difíceis. Aos meus sobrinhos, Lara e Bernardo, que me incentivam a ser um bom exemplo para eles no futuro. À minha avó, Vera Lúcia Mororó, que sempre estará marcada na minha memória com as suas lições sobre História e religião, e um senso de humor característico.

Gostaria de agradecer ainda àqueles que compartilharam comigo as tensões, incertezas, aprendizados e alegrias ao longo os dois anos do mestrado na Universidade de Évora. Em especial, ao Zachary Kaminski pelo apoio emocional, ao Hyago Rique pela sabedoria e pelos conselhos sobre escrita académica, e às amigas Nalva, Thamara, e Bruna pela sua amizade.

## Índice

<i>Agradecimentos</i> .....	VI
<i>Índice</i> .....	VII
<i>Lista de Abreviaturas</i> .....	VIII
<i>Introdução</i> .....	I
<b>1 O Mundo Árabe e o Conflito Feminismo Secular vs. Feminismo Islâmico</b> .....	9
1.1 O Mundo Árabe.....	9
1.2 O Feminismo Árabe: Islâmico vs. Secular .....	12
1.3 O Feminismo Árabe No Século XXI.....	19
<b>2 As Tecnologias da Informação e o Ativismo Feminista no Mundo Árabe</b> .....	25
2.1 O Ciberativismo.....	26
2.2 O Ciberativismo Feminista.....	28
2.3 O Ativismo Feminista e as Redes Sociais: Benefícios.....	32
2.4 O Ativismo Feminista e as Redes Sociais: Obstáculos .....	33
<b>3 CAPÍTULO 3 - Ciberativismo Feminista no Twitter: o caso do Qatar</b> .....	36
3.1 A relevância das redes sociais na observação do ativismo feminista no Qatar .....	36
3.2 O Catar como estudo de caso .....	37
3.3 O Twitter como ferramenta de estudo de caso .....	39
3.4 Resultados .....	42
<i>Conclusão</i> .....	46
<i>Apêndice</i> .....	50
<i>Bibliografia</i> .....	53

## **Lista de Abreviaturas**

CTEM – Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática

ECOSOC – Conselho Econômico e Social das Nações Unidas

FMI – Fundo Monetário Internacional

ITU – International Telecommunication Union

ONG – Organização Não-Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

WLP – Women’s Learning Partnership

WLUML – Women Living Under Muslim Laws

## Introdução

Nas últimas décadas houve um crescente interesse em torno das temáticas associadas ao direito das mulheres no mundo árabe. Na dimensão teórica, os debates de gênero foram abordados sob diferentes perspectivas. De modo geral, a literatura Ocidental sobre mulheres no mundo árabe apresenta uma interpretação estereotipada da mulher árabe em diferentes setores da sociedade – desde veículos de mídia, setor governamental até o meio acadêmico. Sob este ponto de vista, as mulheres da região são percebidas como destituídas de agência e vítimas de uma cultura que reprime e cerceia os seus direitos. Isso posto, há um esforço de autoras do Médio Oriente e mundo árabe em refutar esses estereótipos. Para tal, elas dedicaram-se a examinar a retórica que sustenta que as mulheres muçulmanas precisam de salvação e que a representação máxima da violação das suas liberdades civis está relacionada a vestimenta tradicional (Abu-Lughod 2012; Mishra 2007; Saleh 2016). Por conta disso, privilegiaremos uma lente que visa desmistificar essas concepções estereotipadas nesta tese.

Para compreender melhor a discussão feminista no mundo árabe, é necessário destacar algumas das principais temáticas que têm sido debatidas nesse contexto. Uma delas é a questão da vestimenta tradicional, que tem gerado muitas polêmicas e debates acalorados. No artigo "Diálogos sobre o uso do véu (*hijab*)", Francirosy Campos Barbosa Ferreira defende que o véu deve ser visto como um símbolo de empoderamento e expressão da identidade das mulheres muçulmanas (Ferreira 2013). Já Vânia Carvalho Pinto, em seu artigo "Políticas Públicas nos Emirados Árabes Unidos", analisa os direitos e papéis das mulheres nessa região em diferentes períodos históricos, constatando que o Estado tem exercido um papel fundamental no aumento da participação feminina nas esferas públicas (Carvalho Pinto 2010). Por fim, o autor Mahmood Monshipouri, em seu artigo "*Women, Islam, and Globalization: the debates over 'Islam and Development'*", discute os dilemas enfrentados pelas mulheres muçulmanas no contexto da globalização, destacando a importância de se pensar em soluções que conciliem os valores tradicionais do Islã com as concepções mais progressistas que têm ganhado espaço na comunidade muçulmana (Monshipouri 2004).

Ao examinar mais profundamente os estudos sobre feminismo no mundo árabe, é possível observar que a literatura acerca desta temática tem expandido. Uma problemática que ocupa o debate teórico são os dilemas em torno do direito familiar. A questão da tutela masculina sobre as mulheres também constitui um importante objeto de investigação. Esta

prática comum, sobretudo, entre os países do Golfo que configura uma violação não apenas aos direitos humanos e compromissos internacionais<sup>1</sup> firmados por países do mundo árabe, mas, muitas vezes, contradiz as legislações nacionais e planos de desenvolvimento desses países (Human Rights Watch, 2021; Equality Now, n.d.). As normas estabelecidas pelo sistema de tutela masculina variam de acordo com o país, tradições locais e costumes. No Catar, por exemplo, o sistema de tutela exige a autorização do guardião – do gênero masculino – para viajar para o estrangeiro para todas as Cataris solteiras que tenham até 25 anos. Similarmente, foram reportados casos em que as mulheres tiveram de apresentar uma autorização do pai, irmão ou marido para que pudessem estudar fora do país, trabalhar ou aceitar uma posição de investigadora (Human Rights Watch, 2021). Além dessa temática, há outros tópicos que expõem a fragilidade do status da mulher no direito familiar, a exemplo dos problemas relacionados à cidadania, herança e divórcio. Em primeiro lugar, as mulheres são impedidas de transferir a cidadania para os seus herdeiros. No que tange aos direitos de herança, as herdeiras do gênero feminino recebem a metade do valor atribuído aos herdeiros do gênero masculino. Finalmente, as mulheres não só necessitam da anuência dos maridos para solicitar o divórcio, como também perdem o direito a custódia dos filhos a partir de determinada idade (Kelly, 2010).

Outro assunto que tem sido explorado pelas abordagens feministas são as relações entre gênero e globalização. De um lado, há autoras que sublinham os aspectos positivos da globalização e como esta contribuiu para uma maior participação feminina nos domínios públicos. Valentine Moghadam (2013; 2015), uma das baluartes da teoria feminista no mundo árabe-muçulmano, reflete sobre os impactos da globalização nos movimentos sociais e destaca o papel do ativismo feminista transnacional no avanço dos direitos das mulheres. Similarmente, Nourai-Simone (2005) aponta como elementos introduzidos a partir da globalização, como as novas tecnologias da informação, e o caráter desterritorializado, podem contribuir para a agenda feminista. Em contrapartida, autoras como, Asma Barlas (2005), sustentam que essa é uma ótica exageradamente otimista e que é necessário considerarmos aspectos – a exemplo os limites ao acesso a tecnologia – que podem constranger a participação ativa das mulheres no domínio público e o engajamento no ativismo feminista.

Ainda no que tange os diferentes pontos de vista acerca dos benefícios e limitações da globalização cabe ressaltar a relevância dos escritos sobre a Primavera Árabe, uma vez que esta

---

<sup>1</sup> O exemplo mais emblemático de acordo internacional versando sobre a temática é a Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres (CEDAW), da qual os países que representam o mundo árabe são signatários (United Nations s.d.).

provocou uma mudança de paradigma no feminismo árabe. A Primavera Árabe é nome utilizado para referir-se a uma série de protestos que teve lugar ao redor do mundo árabe e que teve como pauta principal a contestação do poderio Estatal autoritário nesses territórios. O principal impacto desta nos estudos feministas foi a mudança na retórica Ocidental uma vez que introduziu uma visão da mulher enquanto agente de transformação. Sob este ponto de vista, uma grande proporção da literatura chamou atenção para a participação feminina nos protestos. Ao passo que no âmbito prático, a disseminação do uso das redes sociais como ferramenta de ativismo viabilizou a maior participação das mulheres nas esferas públicas, e criou novos espaços para transferência de conhecimento e experiências. Este desenvolvimento torna-se particularmente relevante quando consideramos características particulares do mundo árabe, como a ausência de estruturas formais de organização feminista fora do escopo estatal, e as restrições a liberdades individuais (Al-Oraimi 2014; Freedom House 2022).

Ao nos concentrarmos na literatura sobre o papel das novas tecnologias da informação para o feminismo árabe é possível notar que este debate ainda está a se desenvolver. Na obra *“Framing the online women's movements in the Arab world”*, Ahmed Al-Rawi analisa páginas no Facebook voltadas a discussão da liberdade feminina recorrendo a análise de conteúdo. As criadoras das páginas são, em sua maioria, nacionais de países do Norte de África onde temos um movimento feminista mais consolidado. Como resultado, o autor aponta para a existência de três grupos majoritários: (1) um grupo que luta pelos direitos das mulheres, e que rejeita os princípios religiosos e normas culturais; (2) o segundo grupo contrapõe-se ao primeiro na medida que busca resistir as tendências secularistas e uma parcela significativa deste grupo acredita que a decisão em vestir ou não o *hijab* deve ser tomada pelas mulheres; (3) há ainda um terceiro grupo que sustenta que a religião Islâmica é a fonte da desigualdade de gênero (Al-Rawi 2014). Um dos principais exemplos de utilização das redes sociais como instrumento de luta feminista foram as campanhas contra a tutela masculina sobre as mulheres na Arabia Saudita. A partir do estudo de caso da Arábia Saudita, Alsahi sustenta que as redes sociais não só exercem um papel fundamental na articulação do movimento das mulheres, como também aponta como estas podem provocar mudanças na estrutura organizacional dos movimentos sociais uma vez que possuem um cariz disperso e possibilitam o engajamento sem qualquer vínculo organizacional (Alsahi 2018).

Tendo como base a teoria da esfera pública do filósofo alemão Jürgen Habermas, Leila DeVriese demonstra de que forma o domínio digital contribui para a ampliação da esfera pública. Além de democratizar o acesso a informação, as redes sociais transcendem as barreiras territoriais e permitem que povos do mundo árabe, por exemplo, se engajem nos debates da

esfera global. Finalmente, assim como grande parcela das obras sobre movimentos sociais e esfera digital, a autora aponta para a Primavera Árabe como um evento crucial na medida que transformou profundamente os mecanismos de articulação popular (DeVriese 2013). Dando continuidade ao seus estudos, a autora publicou o artigo “*Genie out of the Bottle: Social Media and the Expansion of the Public Sphere in the Arab Gulf*” (2016) onde expande sua investigação para os países do Golfo e como as redes sociais vem mostrando-se um mecanismo essencial para ativismo em sociedades onde há restrições nas liberdades individuais (DeVriese 2013). Assim, as obras de DeVriese representam um importante contributo para a literatura, sobretudo ao considerarmos que explora o ativismo feminista em territórios que não possuem um estudo extensivo sobre o assunto, como na Península Arábica.

Embora os estudos em língua inglesa abordem as diferentes problemáticas no que tange o feminismo árabe, ainda persiste uma lacuna nas discussões sobre o ciberativismo feminista e as abordagens teóricas do feminismo árabe. Ademais, no que se refere especificamente a discussão em língua portuguesa acerca da questão da mulher no mundo árabe, podemos notar que esta ainda é insipiente. Neste leitura, grande parcela dedica-se aos debates em torno da vestimenta islâmica ou segue uma vertente de cariz mais teórico que acabam por não dar conta da complexidade da problemática (Ferreira 2013; Monshipouri 2004; Oliveira 2013; Teixeira e Souza e Bertino Moreira 2021). Contudo, estas obras representam um importante contributo para a literatura e, inclusive, serviram de base para esse estudo.

Esta tese busca, portanto, introduzir um aspeto inovador ao estudo sobre as redes sociais e o ativismo feminista no mundo árabe. De modo geral, o trabalho tem como objetivo estabelecer uma relação entre teoria e prática a partir de uma análise sobre as forças de influência no ativismo feminista digital na região que compreende o Norte de África, Levante e Península Arábica. Para tanto, é indispensável compreender as bases teóricas do feminismo árabe. Nesse sentido, serão apresentados os contextos de surgimento tanto do Feminismo Secular quanto do Feminismo Islâmico, bem como as suas principais características. Essa caracterização mostra-se particularmente importante já que permitirá a diferenciação entre as duas teorias, bem como as pautas abordadas por cada uma das linhas de pensamento.

Uma vez compreendidas as bases teóricas, apontaremos como alguns dos principais marcos históricos do século XXI impactaram a agenda feminista na região. Em linhas gerais, sublinharemos três eventos que culminaram em uma transformação da agenda feminista, seja em termos práticos ou teóricos, nomeadamente: os atentados de 11 de setembro de 2001, a globalização e a Primavera Árabe. O entendimento acerca desses eventos viabilizará a

compreensão do contexto da disseminação do uso das redes sociais como ferramenta de ativismo.

Em seguida, prosseguiremos com uma análise sobre o papel das redes sociais no ativismo feminista árabe. Com esse propósito, apresentaremos o panorama de uso da internet, de modo geral, e das redes sociais, de modo específico. Além de avaliarmos em que medida esta ferramenta beneficia ou limita a ação das ativistas feministas. Essa elucidação prova-se fundamental uma vez que permite que o leitor entenda como as ferramentas digitais são utilizadas e de que maneira elas podem avançar ou conter a atuação deste movimento social. Por último, aplicaremos um estudo de caso sobre o Catar a fim de examinar em que medida a prática feminista é influenciada pela abordagem secular e/ou pela abordagem islâmica. Isto posto, tensionamos revelar os padrões de comunicação de figuras proeminentes no cenário do ativismo feminista do Catar por meio de uma análise dos conteúdos publicados na rede social Twitter.

A fim de tornar o estudo exequível, optamos por realizar um estudo de caso sobre o Catar. O Catar mostra-se um estudo de caso particularmente importante tendo em vista a sua proeminência estratégica na região do Médio Oriente e Norte de África. Em conformidade com as suas aspirações no âmbito da política externa, o país tem exercido o papel de mediador em negociações internacionais e buscado apresentar-se como uma sociedade moderna e cosmopolita no cenário internacional com a finalidade de avançar os interesses estratégicos do país (Qatar Ministry of Foreign Affairs s.d.). Diante das fortes críticas da comunidade internacional relacionadas as violações dos direitos humanos, as instituições governamentais buscaram reforçar o seu compromisso com os direitos humanos e das mulheres através de políticas e comunicados a imprensa<sup>2</sup> (OHCHR 2022; Qatar Ministry of Foreign Affairs s.d.).

Ademais, o Estado do Catar tem um papel relevante na exportação de petróleo e gás. De acordo com o relatório do US Congressional Research Service, o país exporta mais de 700.000 barris de petróleo, por dia, e cerca de 126 bilhões de m<sup>3</sup> de gás natural, por ano (Katzman 2022). Similarmente aos países vizinhos, o perfil demográfico do Catar é caracterizado pela forte presença de expatriados. Segundo o World Migration Report, em 2020 os expatriados representavam 77% da população do Catar (Mc Auliffe e Triandafyllidou 2021). O perfil

---

<sup>2</sup> Além de boicotes por parte de algumas seleções, movimentos globais em favor dos direitos humanos evidenciaram a problemática através de relatórios. Para as críticas internacionais, ver em: Amnesty International, «Amnesty International Report 2021/22: The State of Human Rights»; Human Rights Watch, «“Everything I Have to Do Is Tied to a Man”»; Human Rights Watch, «A World Cup of Shame»; Human Rights Watch, «World Cup Abuses Harm Children, Families of Migrant Workers»; Human Rights Watch, «The World Cup Is Exciting, Lucrative, and Deadly».

demográfico do país aliada à sua alta dependência da exploração de recursos estimularam o país a encontrar soluções para garantir maior autonomia econômica. Conforme delineado na *Qatar National Vision 2030* e na *Qatar National Development Strategy 2011 – 2016*, o país tem demonstrado uma preocupação em relação a ampliação dos direitos das mulheres como estratégia de desenvolvimento econômico (Mitchell et al. 2015).

Além do impacto na sociedade como um todo, essas medidas apresentam um impacto significativo na vida das mulheres Cataris. Outra característica que torna o país um objeto de estudo particularmente importante é a relevância das redes sociais na região. Sob essa ótica, o Catar não apenas apresenta altos níveis de penetrabilidade da Internet como também há evidências do uso das redes sociais enquanto esfera de discussão política no país – e.g. no contexto do Bloqueio do Golfo (Al-Jenaibi 2020; Gray 2021; Mitchell 2019).

A rede social Twitter revela-se uma ferramenta importante para os estudos sobre movimentos sociais. Em primeiro lugar, o Twitter viabiliza a recolha de uma grande quantidade de dados a custos acessíveis ou sem qualquer custo. Soma-se a isso, a padronização no formato já que as publicações são – majoritariamente – compostas por textos de até 140 caracteres. A terceira vantagem metodológica esta relacionada a possibilidade de observar os fenômenos conforme eles se desenvolvem. Isso é especialmente notável quando analisamos sociedades que, segundo os parâmetros Ocidentais, apresentam um grau de liberdade limitado. Por último, a partir dos estudos sobre o comportamento na esfera online é possível formular inferências sobre a atuação dos movimentos sociais na esfera offline (Barberá e Steinert-Threlkeld 2020).

No que tange as técnicas de recolha de dados, será privilegiada uma combinação de métodos qualitativos e métodos quantitativos a fim de examinar o objeto de estudo em sua complexidade. De um lado, será realizada uma pesquisa bibliográfica valendo-se de fontes primárias – isto é, documentos oficiais e informações extraídas de sites oficiais do governo ou organizações internacionais –, e de fontes secundárias – por exemplo, livros e artigos sobre as temáticas tratadas na tese. Ao mesmo tempo, realizaremos análises quantitativas, a partir de estatísticas – como o *Gender Gap Index*, *Arab Barometer*, e relatórios das Nações Unidas sobre ICT. Já em relação a recolha de dados do Twitter, será utilizada a linguagem de programação *Python* que nos permite extrair informações da rede social através das palavras-passe fornecidas pelo *Twitter Developers Account*<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> O *Twitter Developers Account* é um mecanismo criado pelo Twitter para conceder autorizações para a extração de dados da rede social.

Ao passo que selecionamos a análise de conteúdo como uma técnica de análise de dados. Laurance Bardin, uma das principais expoentes da análise de conteúdo, entende esta enquanto um conjunto de técnicas de análise pautadas na comunicação – seja ela escrita, verbal ou visual (F. M. dos Santos 2012). Considerando o tipo de documento selecionado para a elaboração deste trabalho, serão frisadas as técnicas aplicadas a comunicação escrita. Nas palavras da autora, a análise de conteúdo consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos a descrição do conteúdo das mensagens indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos a condição de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin 2011, 48)

Ainda de acordo com a autora, é preciso organizar a investigação de forma criteriosa e dividi-la em três etapas. A primeira etapa corresponde à pré análise, onde o pesquisador seleciona o material que será analisado. Já na segunda fase, ocorre a exploração do material, o pesquisador deverá (1) recorrer a técnica de *skimming*<sup>4</sup> a fim de obter um panorama das ideias expostas no documento, (2) definir os objetivos de pesquisa, bem como a hipótese (opcional), (3) selecionar os indicadores que serão avaliados na pesquisa, e (4) codificar os dados, isto é, com base nos indicadores selecionados o pesquisador terá o compromisso de agrupar as palavras, as temáticas, ou as frases que pretende analisar. A última etapa é composta pela escolha dos critérios de categorização e as regras que podem ser utilizadas para a investigação. No que tange os critérios de categorização, temos os critérios semânticos em que as palavras são agrupadas por temas, o sintático que considera a estrutura sintática da comunicação, léxico que prioriza o significado das palavras, e o expressivo que enfatiza as alterações ao longo da escrita. Dentre as principais regras, destacam-se aquelas que consideram a presença ou ausência de um termo, a frequência em que uma unidade de registro apresenta-se no texto, e a coocorrência que foca na ocorrência simultânea de dois termos (Bardin 2011; F. M. dos Santos 2012).

Por último, é fundamental apresentar as principais limitações metodológicas. Em primeiro lugar, podemos mencionar a ausência de um consenso no que diz respeito a definição do mundo árabe. Esta, por sua vez, acaba por incluir no que chamamos de “mundo árabe” dados sobre Estados que se encontram fora do escopo deste estudo. Mediante esse desafio, a autora buscará selecionar dados de países específicos ou, nos casos que não é possível desagregar os dados, optaremos pelo dado que não superestima o desempenho do bloco.

---

<sup>4</sup> *Skimming* é uma técnica de leitura que tem como objetivo obter as informações gerais que são transmitidas no corpo do texto.

Devido as restrições de extração de dados do Twitter utilizando o *Python*, só foi possível coletar um total de 3.200 tweets por cada usuário. Embora esse fator limite a quantidade de dados coletados e examinados, cabe destacar que tendo em vista que três dos seis perfis selecionados têm mais do que 3.200 publicações. Saliente-se ainda que a extração se deu de modo a coletar os dados mais recentes, de modo a garantir que os resultados retratem o cenário vigente do ciberativismo feminista. Ademais, a prática de autocensura, um fenômeno que têm sido objeto de estudo no mundo árabe, é um elemento que pode culminar em moderadas distorções no resultado<sup>5</sup>.

A tese está organizada em três capítulos, além da introdução e da conclusão. No primeiro capítulo, apresentaremos definições importantes para compreensão do recorte geográfico retratado, assim como as bases do pensamento feminista no mundo árabe. Posteriormente, discorreremos acerca do panorama do uso das redes sociais nestes territórios que contribuirão para a discussão acerca dos usos desse mecanismo pelas ativistas feministas, juntamente com a avaliação em torno dos contributos e limitações do ativismo nas redes. Finalmente, no terceiro capítulo, buscaremos analisar os padrões de comunicação no Twitter por intermédio da análise de conteúdo aplicada a contas de seis mulheres que atuam na defesa dos direitos das mulheres no Catar.

---

<sup>5</sup> Sobre autocensura, ver em: Freedom House, «Freedom in the World 2022»; Moore-Gilbert e Abdul-Nabi, «Authoritarian downgrading, (self)censorship and new media activism after the Arab Spring».

## 1 O Mundo Árabe e o Conflito Feminismo Secular vs. Feminismo Islâmico

Em um primeiro momento, é imprescindível explicitar as escolhas terminológicas bem como as razões que justificam a escolha de tal. Ao elucidar os conceitos empregados neste trabalho é possível alcançar um melhor entendimento acerca da temática abordada. Nesta perspectiva, buscaremos delimitar o recorte geográfico, que é um elemento fundamental na escolha do objeto de estudo, bem como explicitar os aspetos que tornam esta área particular. Em seguida, será empregue um esforço no sentido de examinar o feminismo árabe e as suas características de modo a evidenciar o seu caráter peculiar.

### 1.1 O Mundo Árabe

Os limites territoriais da fração territorial que se estende desde a África Setentrional até a fronteira com o Sudeste Asiático suscitam grandes debates tanto entre académicos quanto entre *policy-makers*. Por um lado, não há um consenso quanto ao tamanho e formato deste território – ou seja, há uma dificuldade em precisar quais são os Estados que integram a região. Enquanto a definição de Oriente Médio do *Atlas of the Middle East* (2008) abrange a área do Afeganistão e Paquistão, Turquia, Chipre, Península Arábica e Levante até o Egito e Sudão do Sul, a região que o Departamento de Estado dos Estados Unidos denomina “Oriente Próximo” cobre todo o Norte de África, os países do Levante, Península Arábica e Irão<sup>6</sup>. Já de acordo com a *Encyclopædia Britannica*, o Médio Oriente é composto por um total de 19 Estados<sup>7</sup> («Atlas of the Middle East» 2008; *Britannica* s.d.).

O caráter controverso dessa questão torna-se evidente nas distintas definições de Estados Árabes encontradas nas organizações internacionais. No âmbito da Organização Internacional do Trabalho, os Estados árabes incluem todos os países Levantinos, exceto Israel, bem como a Península Arábica, ao passo que na ONU Mulheres o mesmo grupo abrange um total de 17 países, dentre eles o Bahrein, Egito, Estado da Palestina, Kuwait, Iraque, Jordânia, Líbano, Líbia, Marrocos, Síria, Tunísia e Iémen (*International Labour Organization* s.d.; *UN Women*, s.d.). Já o Fundo Monetário Internacional (FMI) define o mundo árabe como Argélia, Bahrein, Djibuti, Egito, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Mauritânia, Marrocos, Omã, Catar,

---

<sup>6</sup> A região do Levante compreende os territórios da Palestina, Israel, Líbano, Jordânia, Síria e Iraque.

<sup>7</sup> Afeganistão, Arabia Saudita, Autoridade Nacional Palestiniiana, Bahrein, Catar, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iémen, Irã, Iraque, Israel, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Omã, Síria, Sudão e Turquia. Fonte: *Britannica*, «Middle East | History, Map, Countries, & Facts | Britannica».

Arábia Saudita, Somália, Sudão, República Árabe Síria, Tunísia, Emirados Árabes Unidos, Cisjordânia e Gaza, e Iémen (International Monetary Fund 2021).

Por outro lado, há ainda um debate quanto ao termo adequado para denominar essa fração territorial. Oriente Próximo, Médio Oriente, Estados árabes, e mundo árabe são algumas das expressões mais comumente utilizadas. Entretanto, é importante salientar que uma parcela dos estudiosos – principalmente aqueles que assumem uma ótica pós-colonial ou decolonial – são críticos aos termos “Oriente Próximo” e “Oriente Médio” na medida em que esses são uma criação Ocidental e reverberam a concepção imperialista (Ball e Mattar 2018; Bilgin 2004; Davison 1960). Assim, é possível notar que a complexidade da região se reflete não tanto na variedade de nomenclaturas existentes quanto nas imprecisões relativas a delimitação do escopo de análise.

Tendo em vista as discussões terminológicas assim como a perspectiva teórica adotada privilegiamos a expressão “mundo árabe”. A expressão “mundo árabe”, comumente, refere-se ao conjunto de países que adotam o árabe como língua oficial e são membros da Liga Árabe. Contudo, é importante destacar que os Estados ao Sul do Egito possuem um arranjo político e cultural muito peculiar, e particularmente distinto do restante dos países do grupo. Diante desse cenário, a expressão adotada neste trabalho é sinônimo do que a autora Elham Manea (2011) chama de “Estados árabes” a fim de concentrar a análise em países que apresentam um contexto político-social semelhante. Dessa forma, o vocábulo “mundo árabe” mencionado ao longo da tese refere-se ao território que compreende os seguintes Estados: Arábia Saudita, Argélia, Bahrein, Catar, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iémen, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Marrocos, Omã, Síria e Tunísia.

A combinação de fatores internos e externos constitui um ponto fulcral no processo de formação dos Estados árabes e que apresenta os seus desdobramentos até os dias atuais. Pese embora tenham sido implementados diferentes estilos de dominação que, por conseguinte, resultaram em diferentes níveis de burocracia estatal, a literatura aponta para a dominação externa como um elemento determinante para a formação dos Estados no mundo árabe (Bowen, Early, e Schulthies 2014; Manea 2011).

Em primeiro lugar, o desdobramento do controle por forças externas torna-se evidente na conformação dos territórios na região. Anteriormente às demarcações territoriais realizadas no século XX, os povos do Golfo Pérsico, por exemplo, organizavam-se em tribos que deslocavam-se livremente pela região (Al Jazeera English 2019). As fronteiras contemporâneas do Médio Oriente e Norte África foram definidas pelas potências europeias – principalmente,

Império Britânico, França e Império Otomano – ao longo do século XX e culminou em uma divisão territorial que desconsidera a diversidade étnica dos povos (Manea 2011).

Além disso, a narrativa Orientalista foi – e continua a ser – determinante para a constituição da região. O conceito “Orientalismo” foi elaborado pelo historiador Edward Said para referir-se a narrativa das potências dominantes acerca do Oriente. De acordo com o autor, as representações ou o – suposto – conhecimento produzidos pelos Orientalistas têm como objetivos (1) estabelecer uma relação dicotômica entre Ocidente e Oriente a fim de criar um distanciamento entre os dois mundos, (2) representar o poder das potências europeias, e (3) justificar a dominação do Ocidente sobre o Oriente. Ao retratar o Oriente – atrasado, não-culto e não-civilizado – em contraposição ao Ocidente – evoluído, culto e civilizado –, os “Orientalistas” instituem uma relação de poder entre os dois objetos uma vez que o conhecimento *per se* reflete a capacidade de uma civilização, o que por sua vez imputa aqueles que são eruditos a obrigação de exercer um domínio sobre os “povos atrasados” com o propósito de tirá-los desta condição. Por último, a importância da construção desse imaginário justifica-se na medida que representa não apenas um projeto imperialista, mas também reflete o entendimento que o Ocidente tem em relação ao “Resto” do mundo (Said 1979).

No que tange aos fatores internos, cabe ressaltar o papel da sociedade pré-colonial na contemporaneidade. Determinados valores e práticas que permeiam a sociedade atualmente – como, por exemplo, hospitalidade, patriarcalismo e *kinship* – tem a sua origem associada ao período que antecede a colonização<sup>8</sup>. A principal evidência da perpetuação das práticas tradicionais pode ser encontrada em diferentes setores da sociedade, desde os cidadãos comuns até as famílias reais que controlam os Estados do Golfo, por exemplo. Não obstante o crescente estímulo a participação das mulheres na esfera pública através da sua inserção no mercado de trabalho, um estudo de caso sobre o Catar demonstra que tanto a sociedade quanto os setores governamentais reforçam o papel da mulher na esfera privada, ou seja, defendem que a busca pelo desenvolvimento da carreira profissional não deve sobrepor-se aos seus compromissos enquanto esposa e mãe (Mitchell et al. 2015). Ademais, dinastias que governam o Golfo Pérsico têm origem tribal e muitas delas uniram-se por meio do casamento com o propósito de fortalecer as alianças políticas – isto é, *kinship* –, enquanto garante a participação na política dos Estados vizinhos (Al Jazeera English 2019; Weiner 2016).

---

<sup>8</sup> *Kinship* consiste no arranjo social predominante no mundo árabe – principalmente, na região do Golfo Pérsico – e é caracterizado pelas alianças entre indivíduos de tribos diferentes era essencial para garantir a sobrevivência das mesmas. Fonte: Bowen, Early, e Schulthies, *Everyday life in the Muslim Middle East*.

Finalmente, a religião é um fator marcante em diversos setores da sociedade. Embora haja uma variação no nível de influência do Islão entre os diferentes países, ao menos 14 dos 16 Estados árabes estabeleceram o Islão como religião oficial em suas constituições<sup>9</sup> (Office of International Religious Freedom 2021). Além disso, cabe ressaltar que no Islã a religião não apenas dedica-se a guiar a relação entre Deus e seus seguidores, como também define princípios que regulam a vida em sociedade e, muitas vezes, o código jurídico (Bowen, Early, e Schulthies 2014; Cherif Bassioun 2012; The Islamic Society of Boston Cultural Center s.d.). Por fim, o código jurídico libanês determina que os assentos no Parlamento devem ser distribuídos igualmente entre os afiliados (The Lebanese Constitution 1926). Dado esse perfil complexo e singular desse recorte geográfico, é fundamental que utilizemos as ferramentas que apresentem recursos analíticos adequados a compreensão desta realidade.

## 1.2 O Feminismo Árabe: Islâmico vs. Secular

As limitações das abordagens teóricas *mainstream* aliada a um contexto histórico marcado pela contestação das mesmas impulsionaram a ascensão das teorias Pós-Positivistas. Conforme apontado por Boaventura de Sousa Santos (2008), o final da década de 1970 e início da década de 1980 é marcado por uma quebra paradigmática que atingiu diversas áreas do conhecimento, mas particularmente as ciências sociais. Nas ciências sociais, de modo geral, os autores apontam para uma limitação do positivismo uma vez que a metodologia aplicada nas ciências naturais, defendida pelos positivistas, demonstra-se inadequada para compreender o mundo social. Ainda segundo os teóricos desse período, defensores do Interpretativismo, isso se deve ao fato de os agentes sociais – objeto de estudo das ciências sociais – serem heterogêneos e não comportarem-se segundo leis e teorias (Instituto Universitário Militar 2019). Então, as ciências sociais, ao contrário das ciências naturais, seriam marcadas pela interação de um conjunto de subjetividades que não estão circunscritas a experimentação e observação.

Além disso, em determinadas áreas das ciências sociais, como nas Relações Internacionais, esse debate epistemológico provocou mudanças ainda mais profundas. Neste contexto, introduziram-se novas preocupações que até então eram marginalizadas com o objetivo de desafiar as perspectivas *mainstream* e o debate centrado nas relações de poder e no Estado. A partir da publicação da obra *Orientalismo* (1979), de Edward Said, foi inaugurado o

---

<sup>9</sup> O Líbano e a Síria são os únicos países que não definiram uma religião oficial do Estado em suas constituições mais recentes. Fonte: Office of International Religious Freedom, «2020 Report on International Religious Freedom».

campo dos estudos pós-coloniais que tinha como principal objetivo compreender de que forma a dominação imperialista moldou os territórios colonizados – seja através de discursos ou práticas<sup>10</sup> (Ball e Mattar 2019). No mesmo período, foi possível observar a inserção do pensamento Marxista no domínio da Economia Política Internacional que, por sua vez, trouxe uma nova percepção acerca das desigualdades nos processos de desenvolvimento do Norte e do Sul (Elíbio Jr. e Almeida 2013). Finalmente, é importante destacar que este cenário também possibilitou que os debates de género instaurassem-se na disciplina de Relações Internacionais (Halliday 2007; Jackson e Sørensen 2013).

Foi mediante essa conjuntura que autoras como J. Ann Tickner e Cynthia Enloe começaram a desenvolver a chamada Teoria Feminista das Relações Internacionais. Em um primeiro momento, a Teoria Feminista das Relações Internacionais focou em introduzir uma perspectiva de género nas discussões em torno das dinâmicas de poder no sistema internacional. Nesta perspectiva, a Teoria Feminista das Relações Internacionais compreende o género como uma construção social, isto é, as características atribuídas comumente tanto ao género feminino quanto ao género masculino subjazem a percepção quanto aos papéis de género. Onde as características “masculinas”, como coragem e força, são valorizadas no campo internacional, enquanto as características “femininas”, como a sensibilidade, são depreciadas. Esta perspectiva é analisada nas Relações Internacionais a partir de teorias que sublinham o processo feminilização do inimigo, isto é, a depreciação das características consideradas femininas e a subsequente associação entre estas e os seus adversários. Ou até mesmo utilizadas para justificar a marginalização das mulheres nas temáticas internacionais – conforme constatado por Enloe, as mulheres ocupam os postos de trabalho de baixa remuneração e são excluídas do centro dos debates internacionais (C. Enloe 2014). Ademais, a teoria feminista das Relações Internacionais busca examinar os conflitos a partir de uma perspectiva de género. Autoras feministas como Cinthia Enloe assinalam como em um contexto de conflito as mulheres e meninas encontram-se em uma situação ainda mais vulnerável uma vez que são expostas a violências como estupro e chegam a ser utilizadas como instrumento de guerra (C. H. Enloe 2000)

Este debate estimulou o surgimento de novas abordagens. Dentre elas cabe destacar o feminismo pós-colonial que visa introduzir uma análise de género que explora as questões de poder e representação nas relações entre Norte e Sul Globais. Nesta leitura, é fundamental não

---

<sup>10</sup> O Pós-Colonialismo surgiu no Departamento de Inglês e Literatura Comparada na Universidade de Columbia, mas rapidamente expandiu-se para outros setores das ciências sociais.

apenas apontar para as disparidades materiais entre os gêneros, como também chamar atenção para as construções discursivas e a vertente cultural dentro do quadro das análises de gênero. As autoras feministas pós-coloniais como Miriam Cooke, Geeta Chowdhry e Sheila Nair, criticam a visão estereotipada sobre a religião e culturas não-Ocidentais que tem forte impacto nas relações de gênero, enquanto também criticam a abordagem feminista Ocidental por desconsiderarem a vertente cultural e outras formas de exercer agência no âmbito dos estudos de gênero. Um dos principais exemplos é a construção narrativa que enfatiza o cerceamento dos direitos das mulheres em sociedades islâmicas e as críticas sobre o uso do véu. Portanto, o feminismo pós-colonial nas Relações Internacionais surge em um esforço de apontar para as desigualdades de gênero, associadas a presença no mercado de trabalho e faixa salarial, e concomitantemente censurar as construções discursivas pautadas na dimensão cultural que possibilitam [1] a manutenção das disparidades entre os países do Norte e Sul Globais, e [2] a justificativa da adoção de medidas de exceção (cooke 2002; Chowdhry e Nair 2004).

Dessa maneira, a mudança de paradigma no âmbito das Relações Internacionais e das ciências sociais, de modo geral, representou uma revolução, sobretudo, para aqueles que se dedicam a investigação sobre o Sul Global, genericamente, e o mundo árabe, especificamente. Por um lado, esta transformação, ao repensar a forma de fazer ciência, forneceu ferramentas adequadas para problematizar questões oriundas do Sul Global. Sob essa perspectiva, as normas e princípios aplicados para avaliar os fenômenos sociais do Ocidente foram formulados com base nas experiências e particularidades do mundo Ocidental. Por conseguinte, esses não podem ser os mesmos aplicados no mundo árabe – por exemplo –, tendo em vista que essa área geográfica apresenta uma conjuntura e um processo de formação peculiares que são fundamentalmente distintos do cenário observado nos países do Norte. Por outro lado, a inserção de novas temáticas no cerne das ciências sociais possibilitou a ampliação do escopo desse campo de estudo e, conseqüentemente, o questionamento acerca de fenômenos e ideais que estavam há muito consolidadas. Isto posto, somente a partir da superação do arquétipo positivista e, conseqüentemente, do surgimento de abordagens que consideram as particularidades desse contexto em seus estudos foi possível criar ferramentas analíticas adequadas para obter uma compreensão holística das contendas enfrentadas pelos Estados árabes.

Do mesmo modo, esse espírito contestador manifestou-se na esfera político-social. Ao longo do século XX, o mundo árabe experimentou um período marcado pela ascensão de movimentos que tinham um forte cunho anti-imperialista. Em princípios do século XX surgiu o Nacionalismo Árabe, isto é, um projeto de formação estatal que visava estabelecer uma

unidade política em um território autónomo que reunisse os povos falantes da língua árabe e praticantes da fé islâmica (Dawisha 2003). O Nacionalismo Árabe foi fundado como uma resposta aos esforços do Império Otomano – que, então, dominava grande parcela do mundo árabe – em diferenciar-se das suas colônias, e ganhou impulso no pós-I Guerra Mundial devido o colapso do Imperio Otomano (Baban 2018).

Concomitantemente, emergiu o nacionalismo moderno, ou seja, uma proposta de criação do Estado que concorria com o Nacionalismo Árabe. Contrariando as bases do Nacionalismo Árabe, os movimentos nacionalistas do mundo árabe adotavam a perspectiva de Estado moderno laico e soberano que não cerceia-se pelos aspetos culturais e religiosos (Baban 2018). Nada obstante, as duas propostas apresentavam um elemento em comum: ambas eram incompatíveis com o domínio colonial e, assim, exibiam um cariz anti-imperialista. A resistência nacionalista manifestou-se de forma heterogénea no mundo árabe. Enquanto territórios, como a Tunísia e Argélia, enfrentaram árduos conflitos para conquistarem as suas independências, grande parcela dos países do Golfo obteve sua independência de modo relativamente pacífico.

Contudo, é importante destacar que o nacionalismo moderno logrou êxito, ainda que parcialmente, na medida que desmantelou os regimes coloniais. Ainda que a região tenha casos de independência tardia – a saber Bahrein, Catar, Emirados e Iémen do Sul – a maioria dos Estados conquistou a sua independência até o início dos anos 1960. O Iémen do Norte obteve sua autonomia, em 1918, seguido do Iraque, em 1932. Nos anos 1940, Síria, Jordânia e Líbano tornaram-se independentes. Já na primeira metade dos anos 1950, Omã, Líbia e Egito lograram êxito em seus processos de emancipação<sup>11</sup> (Central Intelligence Agency s.d.).

Diante deste contexto, foi fundada a corrente de pensamento feminista árabe. Não obstante a publicação de obras isoladas que discutiam questões de género no Médio Oriente em períodos anteriores, somente a partir do final dos anos 1970 é possível falar do estabelecimento do feminismo árabe enquanto corrente teórica<sup>12</sup>. As precursoras dessa corrente teórica no mundo árabe foram as autoras Fatema Mernissi com o livro *Beyond the veil* (1975) e Nawal El Saadawi com o livro *The Hidden Face of Eve* (1977). Ao passo que, na academia Ocidental, a teoria teve como marco fundador, a publicação das obras *Middle Eastern Muslim*

---

<sup>11</sup> Embora o Egito tenha declarado sua independência em 1922, o Reino Unido manteve forte influência na administração do país até 1952. Fonte: Central Intelligence Agency, «Countries - The World Factbook».

<sup>12</sup> Em termos práticos, no entanto, há registos de mobilização de grupos feministas no Médio Oriente e Norte de África desde o século XIX. Para mais detalhes sobre o movimento feminista no mundo árabe ver: Badran, «BETWEEN SECULAR AND ISLAMIC FEMINISM/S Reflections on the Middle East and Beyond».

*Women Speak* (1977) de Elizabeth Fernea e Basima Bezirgan, e *Women in the Muslim World* (1978) de Lois Beck e Nikki Keddie (Charrad 2011).

Em contexto marcado pelo triunfo do nacionalismo moderno, a teoria feminista secular foi a corrente teórica preponderante. Ambas as perspectivas se aproximam na medida que marginalizam as dimensões cultural e religiosa. Apesar de nem sempre culminarem em mudanças positivas no status das mulheres, a demanda dos movimentos nacionalistas pela participação de todos os setores da sociedade civil viabilizou a inserção das mulheres em espaços que eram predominantemente masculinos. Durante o processo de emancipação da Argélia, por exemplo, os movimentos nacionalistas contaram com a colaboração de mais de 10.000 argelinas seja como enfermeiras, cozinheiras ou mensageiras das forças revolucionárias

26/05/2023 07:49:00.

Assim como o feminismo liberal Ocidental, o feminismo secular árabe pauta o seu discurso nos direitos humanos. De acordo com essa ótica, os direitos das mulheres representam uma categoria dentro dos direitos humanos (Ahmed-Ghosh 2008). Segundo a autora Valentine Moghadam, o debate de gênero no mundo árabe deve ser pautado em “universal standards” – ou seja, na Declaração Universal dos Direitos Humanos e normas estabelecidas por instituições internacionais (Moghadam 2002). Similarmente, a ativista iraniana, Shirin Ebadi, que escreve sobre os direitos das mulheres e crianças em sociedades muçulmanas, afirma que é imprescindível haver uma transformação no que tange ao valor das mulheres, enquanto objeto do Direito, assim como uma aceitação dos direitos das mulheres como parte dos direitos humanos com o propósito de elevar o status das mulheres na sociedade (Nouraie-Simone 2005).

Além disso, as secularistas argumentam que a religião se opõe aos pilares da modernidade e avanço dos “parâmetros universais”. Nesta leitura, a elite política utiliza-se do islamismo para justificar políticas de cunho patriarcal que visam, dentre outras coisas, cercear os direitos das mulheres e que, em última instância, constituem barreiras a modernização (Badran 2005). Dessa forma, é fundamental que os valores culturais e religiosos fiquem restritos a esfera privada e, conseqüentemente, sejam excluídos do discurso feminista a fim de criar condições favoráveis ao avanço dos direitos das mulheres.

Apesar da sua contribuição para a corrente teórica feminista de modo geral, o feminismo secular demonstrou-se insuficiente para dar conta das complexidades do mundo árabe. As críticas a esta teoria estão centradas no questionamento da ideia de parâmetros “universais”. Com efeito, os supostos preceitos universais seriam um reflexo dos ideais do Ocidente e, então,

eram encarados como contraproducentes para as causas árabes em um período marcado pela ascensão do nacionalismo árabe e objeção ao imperialismo (Ahmed-Ghosh 2008).

Em resposta a crescente tendência secularista e conseqüente desprezo da variável religiosa no campo intelectual, a região testemunhou o estabelecimento do chamado Islamismo político. O Islamismo político foi um movimento que surgiu na segunda metade dos anos 1970 e propunha a implementação dos fundamentos do Islão na esfera política como forma de superar a desilusão com os governos instaurados no contexto pós-revolução. De acordo com Zainah Anwar (2005), o movimento é fundado em três pilares: o estabelecimento do Estado Islâmico – isto é, opunha-se a ideia de Estado laico –, a *Shari'a* como fonte do direito, e Deus como soberano que governa todos os aspetos da vida humana<sup>13</sup>. Ao promover o resgate de uma interpretação conservadorista e patriarcal do Islão, o Islamismo político favoreceu a consolidação do ponto de vista conservador que encara as mulheres árabes como submissas (Baban 2018; Coleman 2010).

Diante deste cenário, ocorreu a fundação de uma nova concepção feminista no mundo árabe: o feminismo islâmico. O feminismo islâmico busca combater, por um lado, o pensamento tradicionalista e patriarcal dos Islamitas e, por outro lado, os estereótipos de gênero no mundo árabe<sup>14</sup> (Bahi 2011). Ao contrário do feminismo secular, o discurso feminista islâmico é pautado na reinterpretação do Islã e nos fundamentos da religião. Nesta leitura, contesta-se não apenas o argumento de que o Islã é a fonte de opressão das mulheres árabes, como também apontam que a religião contribuiu para a elevação do status da mulher dentro da sociedade. Para tanto, as feministas islâmicas apontam para mulheres que tiveram um papel proeminente na história da religião, como Khaldijah, a esposa e conselheira do profeta Mohammad, assim como ressaltam trechos das escrituras sagradas que legitimam a equidade de gênero (Ahmed-Ghosh 2008). De modo semelhante, essas autoras sublinham que o Islão concedeu direitos como, por exemplo, o direito a propriedade, ao mesmo tempo que proibiu práticas nocivas, como o infanticídio das filhas mulheres (Almirzanah 2011; Sayed 2011).

Saliente-se ainda que o feminismo islâmico se dedica a refutar a premissa que considera o Islã como um corpo monolítico. Sob essa perspectiva, existem variações dentro do Islão, que resultam em diferentes interpretações da religião ao longo do tempo ou em práticas diversas

---

<sup>13</sup> A *Shari'a* (traduzido como “O caminho”) é um código legislativo e de conduta baseado no Qur'an, no *hadith* - um conjunto de narrativas sobre a vida do Profeta Muhammad -, nas interpretações de acadêmicos islâmicos e no consenso da comunidade muçulmana. Para mais detalhes sobre a lei *Shari'a* e suas diferentes interpretações ver: Joseph, *Encyclopedia of Women & Islamic Cultures - Family, Law and Politics*; Johnson e Sergie, «Islam: Governing Under Sharia».

<sup>14</sup> A palavra “Islamita” é empregue ao longo da tese para referir-se aos adeptos do Islamismo político.

em cada país, sendo a cisão entre xiitas e sunitas a mais notória. Os princípios do feminismo islâmico são sumarizados por Nawal El Sadaawi no seguinte trecho: “So it is not Islam, it is not religion even that oppresses women. And Islam is not one Islam. There is the Islam of Saudi Arabia, the Islam of Tunisia, the Islam of Lebanon.” (El Sadaawi 1980, 175). Dessa forma, o feminismo islâmico aproxima-se do secular na medida que ambos assinalam que determinados aspectos da religião são operacionalizados para atender os interesses da elite dominante.

O feminismo islâmico logrou êxito em introduzir uma leitura que procura conciliar os princípios da religião e o progresso do status das mulheres na sociedade, contudo diversos autores apontaram alguns aspectos contestáveis dessa teoria. Os críticos desta linha de pensamento sustentam que o relativismo cultural exacerbado expresso no feminismo islâmico corrobora para a manutenção de estruturas patriarcais. Soma-se a isso o fato desta desprezar fragmentos do *Qu’ran* que são marcadamente machistas, como a passagem: “Men have authority over women because Allah has made them superior to the others, and because they spend of their wealth to maintain them. Good women are obedient.” (Dawood, 1974 *apud* Ahmed-Ghosh, 2008, p. 105).

Pese embora o carácter heterogêneo das abordagens e assuntos debatidos pelo feminismo árabe, há uma característica que agrega esses estudos sob o mesmo guarda-chuva teórico: a rejeição das ideias preconcebidas em torno das mulheres muçulmanas. De acordo com o ideal propagado pelo Ocidente, o tradicionalismo – principalmente, o tradicionalismo religioso – característico dos Estados árabes é interpretado como repressor da liberdade feminina e, por conta disso, essas mulheres são consideradas submissas e destituídas de qualquer tipo de agência nesse contexto. No entanto, os liberais falham em considerar que a componente sociocultural é imprescindível para compreender a realidade das mulheres do mundo árabe dada a relevância daquela no corpo social. Um exemplo dessa interpretação pode ser observado na obra *‘Is multiculturalism bad for women?’*, onde Susan Mollen Okin afirma: “[S]urely to be unable to go out and practice one’s profession without being enshrouded from head to toe is not, on the whole, an empowering situation in which to live, unless it is a temporary transition to greater freedom” (Okin, 1999 *apud* Choudhury, 2009, p. 158).

Tendo como base a tese de Said sobre a oposição entre Ocidente x Oriente, o pensamento feminista árabe rejeita a interpretação essencialista incorporada pelo ponto de vista liberal uma vez que esta não apenas inferioriza as mulheres árabes como também despreza variáveis indispensáveis para um estudo rigoroso sobre as questões de género. Segundo a crítica formulada pelas abordagens feministas do mundo árabe, essa visão reducionista é reiterada pela teoria feminista ocidental, e explica-se pela pretensão de universalizar as experiências

femininas a partir da vivência das mulheres do Ocidente. A autora Suha Sabbagh expõe essa problemática ao constatar que a lógica Ocidental impede que essas estudiosas cogitem a possibilidade que mulheres de outras culturas adotem formas diferentes de elevar o status da mulher na sociedade e/ou advoguem por pautas que afastam-se dessa lógica (Sabbagh 1996).

Ainda de acordo com essa corrente, a estruturação do imaginário em torno da mulher árabe revela outras duas problemáticas do feminismo liberal. Subjacente a este ideário está a ideia de que as mulheres ocidentais são eruditas e já se livraram das amarras da sociedade patriarcal e, portanto, têm o dever de 1) falar por essas mulheres silenciadas, e 2) “salvá-las” de uma religião e cultura que as privam das suas liberdades. De acordo com Lila Abu-Lughod, em sua análise sobre o discurso de Laura Bush sobre o Afeganistão, há uma perpetuação das estruturas de opressão neoimperialistas que instrumentalizam a questão das mulheres muçulmanas, por exemplo como justificativa para intervenções (Abu-Lughod 2012). Similarmente, Choudhury aponta como o feminismo liberal, por vezes, colabora para preservar as práticas que busca combater ao afirmar: “That first world women are willing to collaborate with the very ‘patriarchy’ that they claim to be oppressed by, deploy its weapons, and while decrying the cooptation of women's rights rhetoric ought to be regarded” (Choudhury 2009, 169).

Dessa forma, é possível notar que, sob forte influência de uma conjuntura marcada pela contestação das teorias *mainstream* bem como do (neo)imperialismo, elementos do Pós-Colonialismo constituem bases teóricas do feminismo árabe. Assim como a teoria Pós-Colonial, essas análises são fundadas precipuamente na crítica ao discurso Orientalista e as relações de poder implícitas neste. Contudo, cabe ressaltar que estes são examinados a partir de uma perspectiva de gênero, isto é, visam demonstrar como os estereótipos em torno das mulheres árabe-muçulmanas reforça as estruturas de opressão patriarcais na medida que se apresenta como um obstáculo a elevação do papel dessas mulheres dentro da sociedade.

### 1.3 O Feminismo Árabe No Século XXI

No final dos anos 1990 e, em especial, a partir do início do século XXI sucederam-se um conjunto de transformações e eventos que impactaram fortemente o feminismo árabe. A origem de grande parcela dessas transformações remete-se ao processo de globalização. A fim de compreender esta relação é preciso, antes de tudo, explorar esse fenômeno. O fenômeno da globalização pode ser compreendido a partir de diferentes perspectivas. Por um lado, há o ponto de vista imperialista que entende a globalização como a imposição do modelo de desenvolvimento socioeconômico Ocidental em outras partes do mundo, ao passo que uma

perspectiva puramente econômica que enfatiza a questão da integração dos mercados através do aumento do fluxo de capitais.

Segundo o autor Boaventura de Sousa Santos, o mais correto seria falarmos em globalizações no plural tendo em vista que ao tratarmos do fenómeno no singular resulta em uma interpretação deste enquanto monolítico, linear e inevitável. Ou seja, desconsidera o seu cariz multifacetado – uma vez que apresenta-se nos campos econômico, político, e social – e entende a globalização como o resultado de uma sequência de processos que ocorre da mesma forma em todos os países do globo. Para os objetivos deste trabalho, focaremos no que o autor chama de globalização econômica. Esta é caracterizada pela predominância do sistema financeiro e o incentivo aos investimentos em escala global, a flexibilização dos modos de produção e a redução nos custos de transporte, a revolução no âmbito das tecnologias da informação e comunicação, a redução da intervenção estatal na economia, e o protagonismo das agências financeiras multilaterais enquanto ator econômico (B. de S. Santos 2002).

A nova era do mundo globalizado promoveu profundas transformações no ambiente internacional. Sob essa perspectiva, o desenvolvimento de novos meios de comunicação – como Internet e smartphones –, e transportes possibilitaram a criação de uma rede internacional de circulação de pessoas, bens e ideias. Esse processo de compressão do espaço e do tempo capaz de provocar a rápida disseminação de ideais e informações é o que alguns autores da globalização chamam de “desterritorialização” (DeVriese 2016; Nouraiie-Simone 2005). Isto posto, a realidade do mundo globalizado é marcada pela interação entre forças globais e locais.

Essas características são fundamentais na medida que estimularam a introdução de novas ferramentas que, em última instância, transformaram o feminismo do mundo árabe. Embora a associação com organizações feministas em nível regional ou internacional já fosse uma prática comum no mundo árabe, esse processo intensificou-se – principalmente a partir do lançamento das Conferências Mundiais sobre as Mulheres – na medida que foram criadas plataformas para luta pelo direito das mulheres. Por um lado, as Conferências Internacionais – e.g., Década da Mulher da ONU – representavam uma oportunidade para as ONGs de diferentes partes do mundo se reunissem para explicitar os desafios enfrentados pelas mulheres (Arenfeldt e Golley 2012; Moghadam 2013).

Ao passo que o ambiente digital viabilizou a rápida interação entre indivíduos e organizações feministas. A *Arab Women Organization* possui uma base de dados digital que reúne uma biblioteca com materiais sobre os estudos sobre a mulher na região, assim como um fórum sobre legislação dos países árabes com uma seleção de perguntas frequentes, e um compilado de mulheres que marcaram história no mundo árabe (Arab Women Organization

2016). No podcast *Women of the Middle East*, Dra. Amal Al-Malki convida mulheres do mundo árabe de diferentes faixas etárias e campos de atuação para compartilhar suas histórias e concepções acerca de temáticas que se fazem presentes no cotidiano destas mulheres. Esses são alguns dos exemplos que demonstram a ampliação das redes feminista para o ambiente digital. Portanto, as revoluções tecno-informacionais associadas a crescente consciência do aspecto transnacional dos problemas sociais culminaram em uma expansão das redes de feminismo transnacionais.

Essa crescente expressividade das redes transnacionais também se revela nas suas múltiplas frentes de atuação. Na esfera legal, o Collectif 95 Maghreb-Egalité (1992), por exemplo, empreendeu esforços com vistas a (1) estimular a reflexão sobre a desigualdade de gênero expressa nos códigos legislativos de nações do Norte de África, e (2) lutar por reformas legislativas que viabilizem a equidade de gênero (Mahfoudh 2014; Moghadam 2017). Enquanto na esfera intergovernamental, temos o *Arab Women Organization* que é uma organização estabelecida em 2000 pelos Estados-membros da Liga Árabe que, através de iniciativas como a base de dados e workshops online, intenta ampliar a conscientização em torno do papel da mulher na sociedade, e equidade de gênero (Arab Women Organization 2016). Outra importante frente de atuação são os *Think-tanks* e a academia, como o Think Tank for Arab Women, que atua na produção de conhecimento científico a fim de estimular o entendimento em torno dos direitos da mulher e recomendações, direcionadas aos tomadores de decisão, para a formação de uma sociedade mais igualitária (Devriese 2008).

Além disso, a formação dessas redes mitigou as dissensões existentes entre as diversas correntes feministas. Nesta leitura, um dos efeitos mais significativos no contexto árabe foi a superação da dicotomia secular-islâmico através da cooperação entre organizações da sociedade civil de vertentes distintas (Monshipouri 2004). O principal exemplo é a organização Women Living Under Muslim Laws (WLUML). A WLUML é uma rede feminista transnacional que visa mitigar os efeitos e proteger pessoas que estão sujeitas a interpretações conservadoras da lei Islâmica. É importante notar que o foco da organização abrange não apenas mulheres que vivem em países governados pela Sharia, ou seja, inclui todas as mulheres que estão vulneráveis ao domínio de interpretações religiosas extremistas na esfera política (WLUML s.d.). A Women Living Under Muslim Laws criou um espaço de diálogo uma vez que reúne não só adeptas do feminismo islâmico, mas também ativistas seculares e feministas de dentro e fora do mundo árabe.

Mediante essa expansão, uma grande parcela das pesquisadoras dedicou-se a explorar as diferentes estratégias implementadas pelas redes de apoio aos direitos das mulheres para o

avanço das agendas feministas na região. No texto *Women and the Dynamics of Transnational Networks*, Sharif-Funk (2005) demonstra como essas redes tem um papel fundamental na medida que promove o compartilhamento de experiências e, em última análise, servem de modelo para atores locais. Sob o mesmo ponto de vista, a autora Valentine Moghadam apresenta organizações da sociedade civil, como WLUML e Women's International League for Peace and Freedom, que empregam diversos recursos – como, as instituições internacionais, conexão em Rede e a Academia – para formar parcerias com movimentos feministas dentro e fora do mundo árabe com o objetivo de desafiar o *status quo* (Moghadam 2013).

Outro episódio que teve importantes desdobramentos para o feminismo árabe foi a política dos Estados Unidos na região, sobretudo após os atentados de 2001. A violação do território norte-americano, no contexto dos atentados de 11/09, incitou o questionamento da capacidade do país de manter a segurança e estabilidade interna e externa (Pecequilo 2003). Sendo assim, os *policy-makers* estadunidenses precisaram revisar a sua política no Médio Oriente e garantir que o país não sofresse um novo ataque. Diante deste cenário, a reestruturação da perspectiva estratégica estadunidense se deu de modo a abarcar a componente militar – cujo marco é a Guerra ao Terror –, a academia e influência da opinião pública através dos dispositivos mediáticos.

As duas últimas produziram efeitos significativos no âmbito dos debates de gênero no mundo árabe. Nessa leitura, tanto no meio acadêmico quanto nos veículos de mídia tradicionais foi possível observar a propagação de estereótipos por meio de uma narrativa acerca das mulheres árabe-muçulmanas que se tornou recorrente no mundo Ocidental. Segundo Gerd Nonneman, a demanda por uma maior compreensão acerca do mundo árabe-muçulmano teve duas consequências para os estudos regionais nos Estados Unidos: (1) o aumento do financiamento para instituições de ensino superior, e (2) a escalada do discurso orientalista tanto nos meios acadêmicos quanto na mídia (Halliday e Nonneman 2004). Com efeito, diversos autores demonstraram que o propósito desse discurso era justificar a ocupação norte-americana na região (Ball 2008; Mishra 2007; Saleh 2016). A autora Jasmin Zine sintetiza o seu argumento no seguinte trecho: “There are contradictory desires at the heart of the war on terror: to repress the Arab Muslim male on the one hand and to ‘liberate’ Muslim women on the other.” (Zine 2006, 8)

Diante deste contexto, foi possível notar uma expansão do feminismo árabe. Em 2003, houve o lançamento da primeira edição da *Encyclopedia of Women in Islamic Culture* bem como a criação do primeiro jornal dedicado ao debate sobre questões de gênero: *Hawwa: Journal of Women in the Middle East and the Islamic World*, e em 2005, a Duke University

Press inaugurou o *Journal of Middle East Women's Studies* (Charrad 2011). Enquanto alguns estudos ocuparam-se de expor a problemática – recorrente – da representação das mulheres muçulmanas nos veículos midiáticos, e a associação entre símbolos da tradição religiosa e a opressão feminina (Ferreira 2013; Mishra 2007). Outras análises revelam como a reverberação desse discurso dentre membros do alto escalão do governo serviu para justificar as intervenções militares (Abu-Lughod 2012). Embora os objetivos desse interesse no mundo árabe sejam, em certa medida, controversos, é impossível negar o efeito catalisador que a política norte-americana na região teve nos estudos de gênero no mundo árabe.

Por último, cabe destacar o papel da Primavera Árabe para este movimento social. A Primavera Árabe foi um movimento social que ocorreu no início em 2010, quando protestos populares se espalharam por diversos países do mundo árabe – tais como Egito, Tunísia, Líbia, Síria, Iémen e Bahrein, exigindo reformas políticas, econômicas e sociais. Em países como Egito, Tunísia e Marrocos, ao menos num primeiro momento, os protestos tiveram um caráter pacífico. Em contrapartida, os outros países apresentaram um grau significativo de violência – tanto por parte dos manifestantes quanto pela repressão da oposição (Moghadam 2014; 2017; Sjoberg e Whooley 2015).

Não obstante essas divergências, um fator importante que contribuiu para a disseminação dos protestos foi a globalização. A revolução no âmbito das tecnologias da informação e comunicações permitiu uma maior conexão e troca de ideias entre os países da região através da internet e das redes sociais. Assim, os ativistas da Primavera Árabe foram capazes de compartilhar informações e se organizar em tempo real, ultrapassando as barreiras geográficas e governamentais. De acordo com a autora feminista Valentine Moghadam (2013, 9):

Throughout the Arab Spring of early 2011, young people received information and were mobilized via YouTube, Facebook, and Twitter; they captured police brutality on their smartphones, posted images on various social-networking media, and celebrated their victory on the Web as well as on the streets of Tunis, Cairo, and elsewhere.

Pese embora as ferramentas digitais já fossem um recurso utilizado pelas ativistas feministas, as repercussões globais da Primavera Árabe demonstraram o papel central do cyberativismo. Tanto no Egito quanto na Tunísia o número médio de tweets postados por indivíduos de países vizinhos superou a marca de 2.000 publicações (O'Donnell 2011). Neste contexto, Lina Ben Mhenni, ativista e blogueira tunisina, foi responsável por reportar os acontecimentos dos protestos através do seu blog "*A Tunisian Girl*" e difundir a informação a nível internacional (Blaise 2020). Assim como Ben Mhenni, outras mulheres também tornaram públicos as ocorrências durante as manifestações através de plataformas digitais (Radsch 2012;

Stephan 2013). Além disso, a Primavera Árabe inaugurou um período de maior protagonismo do ativismo online que, conforme apontado por Chon & Park (2020), tornou-se um modelo de ativismo implementado ao redor do mundo em movimentos como *Occupy Movement*, e *Black Lives Matter*. De modo semelhante, cabe destacar que esse foi um evento que teve repercussões nos veículos de mídia dentro e fora do mundo árabe (Saleh 2016; Sjoberg e Whooley 2015). Isto posto, o histórico envolvimento das mulheres nos movimentos de justiça social aliado ao crescente uso do cyberativismo demonstram como as feministas da região têm ocupado novos espaços da esfera pública.

Dessa forma, nota-se que a globalização impulsionou mudanças relevantes no feminismo árabe. Seja através do advento de novas tecnologias – como a Internet –, ou por meio de acontecimentos marcantes, como os atentados de 11/09 e a Primavera Árabe, o fenómeno da globalização promoveu uma ampliação da esfera pública. A fim de determinar se esta produziu efeitos positivos ou nocivos para a agenda feminista do mundo árabe, ainda cabe uma reflexão mais detalhada. Isto posto, na próxima sessão, aprofundaremos a investigação sobre o uso das redes sociais no mundo árabe e o seu papel no ativismo feminista árabe.

## 2 As Tecnologias da Informação e o Ativismo Feminista no Mundo Árabe

Antes de concentrar-se na investigação quanto ao papel das redes sociais no mundo árabe, é crucial obter uma visão global sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nestes territórios. O panorama digital entre os países árabes mostra que administrações regionais, em geral, vêm aplicando esforços com a finalidade de desenvolver as suas capacidades tecnológicas. Por oportuno, vale frisar que, em maior ou menor medida, essas nações buscaram formular um planejamento estratégico digital. Alguns países, tais quais o Kuwait, Jordânia, Omã e Síria criaram planos digitais abrangentes, sendo os Emirados Árabes Unidos o líder em TICs já que é o centro regional para grandes companhias tecnológicas – tendo como exemplo o Twitter e a Google – e possui um programa inovador para criar uma cidade inteligente (Abrougui 2021; United Nations 2019a). Quanto ao âmbito financeiro, espera-se que o orçamento saudita destinado ao setor tecnológico seja de aproximadamente US\$33 bilhões em 2022, ao passo que o orçamento emirato deve apresentar um aumento de 6,5% entre 2022 e 2023 (Arab News 2022; International Trade Administration 2022).

O uso das redes sociais encontra-se amplamente difundido nas sociedades árabes. Segundo dados divulgados pela Statista, três das quatro nações árabes analisadas no estudo possuem uma proporção de usuários ativos nas redes acima da média, quando comparados com a média mundial. Ainda de acordo com esta, os Emirados Árabes lideram o ranking mundial de penetração das Mídias sociais (Statista 2022). Na Jordânia e no Líbano, entre 2013 e 2017, houve um aumento superior a 30 pontos percentuais na quota de adultos que utilizam redes sociais. Em contrapartida, no mesmo período, a Tunísia registrou um acréscimo reduzido de apenas quatro pontos percentuais (Poushter, Bishop, e Chwe 2018).

Além dos altos índices de usuários nas redes sociais, a região é marcada pela diversidade de utilidades. Conforme apontado pelo relatório *Media use in the Middle East* o propósito do uso das Mídias sociais varia consideravelmente através da região tendo em vista que são utilizadas como meio de comunicação com outros indivíduos, para acompanhar e/ou compartilhar notícias, e para fins de entretenimento (Dennis et al. 2019). Além disso, um fenômeno bastante comum e característico do mundo árabe é a promoção do estilo de vida luxuoso (Hurley 2021). Finalmente, um fato que tem chamado atenção é a utilização desses recursos tecnológicos com o intuito de incentivar movimentos sociais. Nesta leitura, os autores adotaram diferentes abordagens que buscavam dentre outras coisas: analisar em que medida as implicações do ativismo online no mundo offline, fomentar o debate acerca das barreiras inerentes a utilização desses recursos, e compreender como estes podem contribuir para as

pautas sociais (Moghadam 2014; 2017; Moore-Gilbert e Abdul-Nabi 2021; Saleh 2016; Sjoberg e Whooley 2015; Tazi 2021).

## 2.1 O Ciberativismo

Conquanto haja uma ampla variedade de expressões associadas ao objeto de estudo que, por vezes, são tomadas como intercambiáveis ainda que tenham significados distintos, é mister delinear o conceito de ciberativismo. Nesta linha de raciocínio, o ciberativismo é definido como “o ato de utilizar a internet para avançar uma causa política que é difícil de avançar offline... o objetivo desse ativismo frequentemente é criar conteúdos digitais intelectualmente e emocionalmente atraentes que contam histórias de injustiça, interpretam a História e advogam por um objetivo político específico”<sup>15</sup> (Howard, 2011, p. 145 *apud* Khamis, 2019, p. 3). Ou seja, o ciberativismo utiliza plataformas digitais para impulsionar agendas que enfrentariam um maior número de obstáculos nas esferas públicas tradicionais, e recorre a diversas estratégias a fim de (1) elaborar um conteúdo que reflitam valores e crenças da sociedade de modo a criar uma identidade coletiva, (2) reinterpretar a História através da perspectiva de género, ou (3) influenciar as pautas políticas. Do mesmo modo, o ativismo digital consiste na utilização das ferramentas disponíveis online como instrumento voltado a disseminação de ideias e promoção de uma causa ou agenda específica (Rocha 2017). Por isso, empregaremos os termos ciberativismo e ativismo digital como sinónimos.

Em seguida, cabe ressaltar que o ciberativismo apresenta-se de diversas formas<sup>16</sup>. No panorama do ciberativismo, é possível identificar três categorias de ação civil pela internet. Primeiramente, podemos citar as campanhas de conscientização, isto é, um tipo de ação civil que tem por objetivo fornecer informações relevantes, por meio de cursos e formações profissionais promovidos por redes de ciberativismo, voltadas para o público alvo – e.g. cursos das áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (CTEM) para grupos sub-representados nessas áreas –, assim como divulgação de informações relacionadas a missão da organização através de iniciativas que visam ampliar o acesso a informação acerca de uma problemática– e.g. publicação de dados retirados de relatórios oficiais sobre violência doméstica. Soma-se a isso o ativismo computadorizado, em outras palavras essa categoria de ativismo é definida pela utilização de meios digitais para articular a comunicação entre

---

<sup>15</sup> “the act of using the internet to advance a political cause that is difficult to advance offline. . .the goal of such activism is often to create intellectually and emotionally compelling digital artifacts that tell stories of injustice, interpret history, and advocate for particular political outcomes.”. (Tradução da autora)

<sup>16</sup> Para mais detalhes sobre os tipos de ativismo, ver: *Carty e Reynoso Barron*, «*Social Movements and New Technology*»; *Veloso e Lopes*, «*Social Movements and New Technology*».

ativistas, por meio da divulgação nas redes sociais do cronograma de protestos que acontecerão na esfera offline, por exemplo (Veloso e Lopes 2020). A terceira forma de ação civil com recursos digitais é o hacktivismo político. Ou seja, o hacktivismo político inclui a tática de invadir e/ou alterar páginas da web, bem como a divulgação de informação confidencial (Veloso e Lopes 2020). Um dos grupos mais renomados em termos de hacktivismo político é o *Anonymous* que, em uma de suas ações mais recentes, afirmou ter hackeado o canal de televisão estatal russo (Milmo 2022).

Adicionalmente, faz-se necessário analisar a função das novas tecnologias – por exemplo, websites, e redes sociais – como mecanismo de disseminação de informação. Sobretudo no contexto da Primavera Árabe, as postagens de materiais audiovisuais e texto em plataformas como Twitter e Facebook foram a principal fonte de informação acerca dos acontecimentos no mundo árabe (Chon e Park 2020). De acordo com Wee & Li (2019), as redes sociais são o segundo meio de comunicação mais utilizado para obter informações sobre eventos políticos. Cabe salientar que em pelo menos metade dos países árabes que participaram do estudo apresentam uma taxa de confiança nas informações disponíveis nas plataformas de Mídia social superior a 40% (Wee e Li 2019).

Conquanto ativismo digital tenha sido empregue desde o surgimento da Internet, alguns fatores contribuíram para a disseminação desta prática na última década. Em primeiro lugar, cabe ressaltar que, no âmbito acadêmico, ainda há um debate em torno dos desdobramentos da Primavera Árabe para o ciberativismo. Sob este ponto de vista, o período imediatamente após a Primavera Árabe foi marcado pelo otimismo em relação a relevância das redes sociais enquanto instrumento de mobilização social. Uma parcela dos autores empenharam-se em argumentar que o ativismo nas redes sociais estimula o empoderamento e a democratização de regimes autoritários (Al-Rawi 2014; Alsahi 2018; Chon e Park 2020; DeVriese 2013; Moghadam 2014; Odine 2013; Radsch 2012). Contudo, este otimismo deu lugar ao criticismo por parte de determinados setores da academia. Mais recentemente, uma outra parte dos pesquisadores passou a apontar alguns dos desafios no quadro dos espaços de contestação online (Barlas 2005; Jones 2021; Khamis 2019; Kharroub 2022; Moore-Gilbert e Abdul-Nabi 2021; Tazi 2021).

Todavia, é impossível negar que a Primavera Árabe representou um marco no âmbito do ativismo digital. Neste ponto de vista, um estudo realizado pelo Project on Information Technology and Political Islam revelou que o número de tweets sobre mudança política no Egito escalou de 2.300 para 230.000 publicações por dia (O'Donnell 2011). A cobertura internacional seja por meio dos veículos de mídia tradicionais, das pesquisas acadêmicas ou,

ainda, pelas redes sociais foi indispensável para que a sociedade civil se familiarizasse com o ciberativismo<sup>17</sup>. Para mais, as revoluções deixaram um legado dado que o extenso envolvimento de ativistas feministas nas mobilizações permitiu que estas desenvolvessem as capacidades de organização de movimentos sociais através de atividades práticas.

Além desse fator, a maior acessibilidade à Internet e às Mídias sociais também colaboraram para o avanço do ativismo online. De acordo com o *Arab Digital Development Report 2019*, as redes sociais lideram o ranking de formas de uso da Internet (United Nations 2019a). Segundo dados do *Arab Barometer – Wave V*, cerca de 70% da população do Médio Oriente e Norte de África utilizam a Internet, e 94% desses gastam no mínimo duas horas por dia nas redes sociais (Wee e Li 2019, 8). Entre 2017 e 2019, a percentagem dos cidadãos dos países árabes que usam pelo menos um tipo de network – WiFi, Ethernet ou dados moveis – aumentou mais de sete pontos percentuais (Gray 2021, 6). Complementariamente, as novas tecnologias de informação demonstram-se cada vez mais difusas. Nesta ótica, o surgimento da conexão sem fio e das redes móveis reforçaram não só a natureza desterritorializada das novas TICs como também o seu cariz instantâneo visto que possibilitaram a interação de qualquer lugar no mundo 24 horas por dia (de Alcântara 2015). Assim, as redes sociais paulatinamente enraizaram-se nas sociedades árabes.

## 2.2 O Ciberativismo Feminista

O emprego das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como instrumento de luta pelos direitos das mulheres não é um fenómeno novo. Desde o fim da década de 1990, o ciberativismo já tinha sido introduzido como estratégia para impulsionar a agenda feminista no mundo árabe. Em 1999, a organização fundada por Nawal Al Sadaawi<sup>18</sup> foi considerada precursora na implementação de ferramentas tecnológicas – nomeadamente a Internet – na defesa dos direitos humanos. Segundo Setephan (2013), a implementação de *listserv* – isto é, uma aplicação responsável pela distribuição de e-mails para uma lista de subscritos – foi considerado inovador. Apesar destes serem considerados alguns dos primeiros exemplos de implementação de recursos tecnológicos como instrumento de ativismo feminista, esta prática disseminou-se nas últimas décadas de modo a tornar-se cada vez mais heterogéneo.

---

<sup>17</sup> A Georgetown University criou uma coletânea online que reúne um conjunto de fontes primárias e secundárias para o estudo sobre a Primavera Árabe. Fonte: GW Libraries, «Arab Spring - Middle East and North Africa - Research Guides at George Washington University».

<sup>18</sup> A autora que é considerada uma das precursoras do feminismo árabe.

Mediante isso, impende frisar as variadas formas de aplicabilidade deste método pelas defensoras dos direitos das mulheres. O ciberativismo feminista vale-se das redes sociais como um mecanismo de disseminação de informações. Uma pesquisa sobre a luta contra a tutela masculina na Arábia Saudita revelou que cerca de 44% dos tweets publicados pela @FreeKsaWomen, figura central nas ativismo digital na Arabia Saudita, eram de caráter informativo (Alsahi 2018). Analogamente, as militantes das revoltas populares árabes de 2011 exerceram uma função primordial na documentação e disseminação de informações sobre os protestos, e algumas destas postagens foram reproduzidas por veículos de mídia tradicionais, como AlJazeera (DeVriese 2013; Radsch 2012).

Além disso, a esfera digital fornece um espaço para publicizar situações de violação dos direitos das mulheres. Neste contexto, vale mencionar o caso da ativista catari Noof al-Maadeed. Após retornar ao Catar depois de dois anos em busca de asilo político no Reino Unido, a ativista catari manteve forte presença nas redes sociais com o intuito de fornecer atualizações públicas quanto a sua segurança (Middle East Eye 2022). No entanto, cerca de duas semanas depois da sua chegada, al-Maadeed não fez mais publicações o que, por sua vez, provocou forte mobilização através do Twitter por parte de figuras proeminentes na região, como as ativistas feministas Dra. Amal Al-Malki e Dra. Zarqa Pervez, e a pesquisadora do Human Rights Watch, Rothna Begum. O desaparecimento da ativista catari teve repercussão em veículos de mídia internacionais, após o sucesso da campanha #WhereIsNoof no Twitter para localizar a ativista (Agence France-Presse 2022; Espinosa 2022; Gallagher e Taher 2021; Oppenheim 2021; Zorzut 2021).

Ademais, cabe salientar o uso das novas tecnologias pelas redes feministas transnacionais. A *Women's Learning Partnership* (WLP) é uma organização sem fins lucrativos que visa promover parcerias com ONGs do Sul Global em prol da luta pelo direito das mulheres. A ONG que possui status consultivo no Conselho Econômico e Social da ONU, tem como uma de suas principais iniciativas o incentivo ao uso de Mídias digitais com a finalidade de promover fortalecimento das entidades da sociedade civil voltadas a defesa dos direitos das mulheres<sup>19</sup> (Moghadam 2015; Women's Learning Partnership s.d.). Esta estratégia se dá não apenas através do compartilhamento de experiências e desafios nas plataformas online de maneira a atingir uma audiência global, como também por meio da criação de um

---

<sup>19</sup> A WLP é uma organização não-governamental que possui status consultivo no ECOSOC das Nações Unidas reúne vinte organizações feministas do Sul Global. Ver em: Women's Learning Partnership, «Mission, Vision, and Guiding Principles | Women's Learning Partnership».

repositório digital que reúne fontes históricas sobre o ativismo feminista, legislações e manuais, e treinamentos e workshops online (Women's Learning Partnership s.d.).

Alternativamente, as redes sociais são ferramentas primordiais para facilitar a participação das mulheres árabes da diáspora nos problemas locais. Nesta leitura, o acesso, dentre outras coisas, as aplicações de mensagem instantânea, Twitter, Facebook permite que mulheres árabes que vivem fora da região mantenham-se informadas dos acontecimentos e, muitas vezes, atuem como um elo entre as temáticas locais e a audiência internacional. Durante a Primavera Árabe, a jornalista Mona Eltahawy foi uma das personagens proeminentes de ativismo transnacional da diáspora já que foi responsável por reproduzir, em língua inglesa, as manifestações que ocorreram nos países árabes (Radsch 2012). O artigo '*Authoritarian downgrading, (self)censorship and new media activism after the Arab Spring*' demonstra que ativistas bareinitas<sup>20</sup> mesmo no estrangeiro participam ativamente de campanhas feministas através das redes sociais (Moore-Gilbert e Abdul-Nabi 2021). Logo, as tecnologias de informação e comunicação mostraram-se indispensáveis para conferir maior robustez bem como para ampliar o alcance dessas entidades.

De modo semelhante, há organizações que buscam promover a autonomia financeira feminina com o auxílio das redes sociais. Em 2022, a organização estudantil '*The Future is Female – Qatar*' lançou um programa de mentoria voltado para jovens mulheres que desejam seguir carreira em Engenharia. O grupo *Women in Business* é uma rede profissional de mulheres presente em redes sociais como Twitter, Facebook e Instagram que conecta associações profissionais da Alemanha, e do Médio Oriente e Norte África<sup>21</sup>. Através desses canais, o *Women in Business* divulga e realiza conferências, *workshops* e *webinars* direcionados ao desenvolvimento profissional (Women in Business 2019). O *Women Weavers in Morocco* é uma cooperativa de tecelãs que utiliza as novas tecnologias de informação para comercializar tapetes e murais confeccionados pelas integrantes da cooperativa<sup>22</sup> (United Nations 2019b). Do mesmo modo, o comércio digital ofereceu uma alternativa para as mulheres que vivem em lugares onde há a exigência da autorização do guardião para obter a licença comercial. Nesta perspectiva, ferramentas como Marketplace no Facebook e contas comerciais no Instagram estimularam o empoderamento econômico das mulheres uma vez que

---

<sup>20</sup> Bareinita é o adjetivo utilizado para se referir às pessoas originárias do Estado do Bahrein.

<sup>21</sup> As redes e associações profissionais operam no sentido de conectar mulheres que pertencem e/ou tencionam seguir uma determinada área de atuação como forma de integrar as mulheres no processo de desenvolvimento econômico e promover a equidade de gênero no âmbito econômico.

<sup>22</sup> Assim como o Women in Business, outras associações na região, e.g. Qatar Professional Women's Network, Code for Girls e Business and Professional Women Association- Amman, investem nas redes sociais com o intuito de compartilhar informações, e oportunidades de aprimoramento profissional.

possibilitou as mulheres sauditas exercerem atividade comercial sem que um guardião do sexo masculino represente-as frente aos órgãos governamentais (Mitchell et al. 2016).

Demais disso, as ativistas feministas suscitam o compartilhamento de histórias de mulheres bem-sucedidas. Neste prisma, os chamados “*role models*” constituem princípios fundamentais para superar a sub-representatividade das mulheres na esfera pública (Al Thani 2021). Isto posto, ativistas feministas no mundo árabe buscam mitigar os efeitos nocivos da pouca visibilidade das mulheres na História por meio da criação de plataformas onde as mulheres podem, em seus próprios termos, tornar públicas as suas trajetórias e conquistas. Em seguida, podemos destacar algumas instituições que têm a ampliação da representatividade das mulheres nos domínios públicos como objetivo principal, dentre elas estão os podcasts *Unlimited-ME*, *Women of the Middle East*, *Aswat: Voices of Arabia*, e o *Women of Qatar*.

Por último, o ciberativismo mostrou-se um instrumento eficaz para desafiar as estruturas patriarcais. Essas estruturas visam, em última instância, cercear os direitos das mulheres e limitar a atuação destas apenas aos domínios da esfera privada. Por um lado, o ciberativismo feminista procura denunciar situações de violência contra mulheres e raparigas<sup>23</sup>. O *Shoft Taharosh* (“*I Saw Harassment*”) é um dos exemplos de iniciativas organizadas nas redes sociais para denunciar e monitorar casos de assédio sexual cometidos no Egito<sup>24</sup> (United Nations 2019b). De outro lado, as entidades feministas veiculam as suas demandas por meio de meios de comunicação de alcance global. Os exemplos mais emblemáticos são as campanhas no Twitter organizadas por ativistas sauditas. Em 2011, as ativistas feministas da Arabia Saudita recorreram a #W2drive, uma ação que buscou garantir o direito das mulheres de conduzir, ao passo que mais recentemente foi criada a #TogetherToEndMaleGuardianship para eliminar a tutela masculina sobre as mulheres – uma prática que ainda é comum nos países do Golfo (Alsahi 2018; United Nations 2019b).

Mediante o exposto, nota-se que as redes sociais são implementadas de maneira holística para fazer frente a uma ampla variedade de obstáculos a igualdade de gênero. Estas iniciativas variam desde campanhas de conscientização e engajamento com a comunidade até ofertas para aprimoramento de habilidades técnicas que possibilitarão a entrada das mulheres no mercado de trabalho. Apesar de os efeitos práticos encontrarem-se fora do escopo desta investigação e

---

<sup>23</sup> De acordo com a ONU Mujeres, a violência contra mulheres e raparigas constitui “todo acto de violencia basado en el género que tenga o pueda tener como resultado un daño o sufrimiento físico, sexual o mental para la mujer, así como las amenazas de tales actos, la coacción o la privación arbitraria de la libertad, tanto si se producen en la vida pública como en la vida privada.” Fonte: ONU Mujeres, sem data.

<sup>24</sup> Além das redes sociais, foram desenvolvidas as aplicações, SafeNes, na Tunísia e, StreetPal, no Egito cujo foco é oferecer apoio a vítimas de violência contra a mulher. Fonte: United Nations, 2019.

possam ser explorado futuramente, é impossível negar que as redes sociais geraram oportunidades para sobrepujar os entraves a igualdade de género e fortalecer as organizações feministas.

### 2.3 O Ativismo Feminista e as Redes Sociais: Benefícios

A permeabilidade e a versatilidade das plataformas online são indícios da utilidade dos mesmos para os grupos feministas. Sem embargo, é imperativo avaliar minuciosamente os aspetos positivos e limitações das Mídias sociais. Antes de tudo, cumpre salientar que os países árabes, em maior ou menor medida, apresentam graus de liberdade reduzidos – precipuamente em relação as liberdades de associação. Os países árabes são classificados como não livres, com exceção do Marrocos, Tunísia e Kuwait que são considerados parcialmente livres (Freedom House 2022). No que diz respeito as liberdades civis, o desempenho da região foi insatisfatório e, em alguns casos, inferior a países reconhecidos pelas políticas de monitoramento e repressão aos dissidentes – e.g., China e Afeganistão. Em uma escala de 0 até 60 usada para avaliar os níveis de liberdades civis, apenas a Tunísia obteve um índice superior a 30 (Freedom House, sem data). Por último, é importante mencionar que a média controlada pelo Estado predomina entre as nações árabes.

Diante deste entrave, os dispositivos digitais demonstram-se essenciais para impulsionar a participação das mulheres nas esferas públicas. De um lado, o espaço virtual permite que as ativistas desviem das restrições às liberdades individuais. Enquanto por outro lado, viabiliza a formação de novos canais de informação com o objetivo de esquivar-se das transmissões enviesadas das redes de notícia estatais. Outro ponto que merece destaque é a possibilidade do anonimato que pode não só encorajar pessoas submetidas a reprovação por parte do convívio social a atuarem pelas causas que se identificam, assim como oferece uma opção segura para aqueles que se sentem intimidados pelo risco de represálias. A blogueira saudita *Uber Girl* afirmou em uma de suas postagens: “Our society is very critical and I don’t feel I can say what I want to say without censoring my words if I use my real name,” (DeVriese 2016, 79).

Ao mesmo tempo, as redes sociais facilitaram a organização de movimentos feministas. Começamos pela rapidez na disseminação de informações online. Sob esse ponto de vista, os recursos disponibilizados pelas redes sociais, como as transmissões em direto via Facebook e Instagram, permitem que o conteúdo seja disponibilizado conforme os eventos acontecem e que haja uma rápida articulação dos grupos. Conforme apontado pela ativista bahreini, Maryam Al Kawaja (2012),

social media has been instrumental in disseminating information through 3-D and video images of what the government is doing” as well as “mobilizing and advocating for the return to Pearl Square by announcing strategies and plans for the next protest on Twitter first.” (*apud* (DeVriese 2016, 79)

Além disso, o cariz desterritorializado das Mídias sociais oferece a alternativa de engajamento nas causas feministas sem o compromisso de participar de campanhas no mundo offline. Nesta vereda, mulheres que vivem em contextos sociais e familiares muito conservadores, ou que não possuem tempo hábil para dedicar-se a militância fora das Redes têm capacidade de exercer agência – seja através do compartilhamento de petições ou da externalização das frustrações enfrentadas diariamente.

Ainda nesta linha de raciocínio, vale ressaltar que o ciberativismo minimiza os riscos a integridade física das mulheres. Nesta leitura, os indivíduos que optam por meios de ação nas esferas públicas tradicionais – isto é, ocupações, e protestos – estão mais suscetíveis a violações da segurança física perpetradas tanto por forças policiais em tentativas de reprimir as agitações populares como também por outros manifestantes. Em 2011, foram registadas situações de violência contra as mulheres durante os protestos ocorridos em diversos países árabes. Essas variaram desde o excesso de hostilidade da polícia até assédio sexual cometido por outros manifestantes (Radsch 2012). O ciberativismo apresenta-se como uma solução para essa questão na medida que permite os indivíduos e organizações se apoiarem causas – seja através de doações a uma organização, convocação para manifestações ou projetos de conscientização – em ambientes que, geralmente, são seguros como o lar.

Em suma, as redes sociais contribuem para o ativismo feminista na medida que representam não apenas um espaço alternativo para o debate político como também possibilitam o alcance de uma audiência maior. As vantagens do ciberativismo através das redes sociais foram sublimemente sintetizadas no relatório elaborado pelo *Dubai School of Government* (2011),

A high percentage of women and men respondents, with a slightly higher percentage of women, considered social media as an empowering tool that ‘makes it easier for Arab women to express themselves’; ‘can enhance Arab women’s participation in civil society’; ‘can empower Arab women to be role model for social change’; ‘can advance women’s rights’; ‘provides Arab women with economic or entrepreneurial opportunities’; and ‘supports gender equality in the Arab political landscape’. (United Nations 2019b, 37).

#### 2.4 O Ativismo Feminista e as Redes Sociais: Obstáculos

Não obstante os benefícios, é fundamental realizar uma análise criteriosa com a finalidade de não superestimar o impacto positivo das redes sociais na mobilização social. Sob

esse ponto de vista, cabe destacar que o ativismo online apresenta algumas limitações. Inicialmente faz-se necessário apontar para a problemática da exclusão de parcelas da sociedade. Consoante a pesquisa da International Telecommunication Union (ITU), apenas cerca de 38% da população rural tem acesso a rede mundial de computadores, em comparação a mais de 70% da população urbana<sup>25</sup>. Além da desigualdade entre as populações urbana e rural, esta zona é marcada pela baixa adesão de idosos quando comparados ao nível de jovens que fazem uso da internet (Gray 2021). Assim, conforme sublinhado por Fernea (2005), é preciso considerar os desequilíbrios sociais que restringem a participação de setores da sociedade civil, e contestar a premissa de que a revolução informacional-tecnológica – automaticamente – reflete-se em equidade de gênero.

Outrossim, a segurança é um fator que não pode ser desprezado. Em primeiro lugar, salienta-se o fato das ciberativistas estarem vulneráveis a diversas formas de violência contra mulher online. Relativamente as formas de violência contra a mulher no espaço cibernético, estas podem assumir diversas formas, dentre as quais podemos destacar: assédio moral, perseguição, ameaça e chantagem (United Nations 2019b). Um relatório divulgado pelo Front Line Defenders e pelo Access Now indicaram que os dispositivos móveis de ativistas foram infectados pelo software malicioso Pegasus desenvolvido para monitorar atividades online (Fatafa 2022). Ademais, o investimento de governos da região em dispositivos de controle das redes tem mostrando-se particularmente preocupantes. As técnicas variam de softwares para disseminação de desinformação e bloqueio de páginas na web até a derrubada de contas nas redes sociais, e emprego de softwares e spywares com o propósito de monitorar grupos dissidentes. Ao menos cinco países árabes adquiriram ferramentas de censura e monitoramento nas redes. De modo semelhante, Bahrain, Iraque e Catar investiram na aquisição de softwares russos voltado para o censurar as informações contrárias a autoridades e medidas do governo, e propositadamente divulgar conteúdo falso (Kharroub 2022).

Diretamente relacionada ao desenvolvimento das capacidades de monitoramento por parte de autoridades dos governos, encontra-se a questão da autocensura. A autocensura pode ser definida como a alteração do comportamento online do usuário em virtude do receio de ser alvo de retaliações, e as suas formas mais comuns são (1) adoção um discurso mais moderado nas redes, (2) limitação de usuários que podem visualizar e interagir com o conteúdo publicado, e (3) a preferência pelo uso de codinomes. A despeito das dificuldades em obter dados

---

<sup>25</sup> A ITU é uma agência especializada da Organização das Nações Unidas focada no monitoramento e desenvolvimento das capacidades tecnológicas.

confiáveis acerca do impacto da autocensura no ciberativismo, alguns autores sustentam que esta é uma atitude relativamente comum no mundo árabe (Moore-Gilbert e Abdul-Nabi 2021).

Os pontos sublinhados devem ser apreciados a fim de afastar-se das interpretações determinísticas em torno das plataformas de Mídias sociais. Isto é, ao invés de ter o nexos TICs – emancipação como premissa, observamos o papel das redes sociais no ciberativismo feminista de modo crítico. No entanto, há alguns aspetos que devem ser considerados. Em primeiro lugar, é forçoso compreender que o ciberativismo deve ser entendido como uma estratégia e não como o objetivo dos movimentos feministas. Nesta ótica, o ciberativismo por si só não é capaz de resolver todos os dilemas com os quais o feminismo árabe confronta-se. Assim como qualquer outra forma de mobilização coletiva, o ativismo digital possui pontos positivos e negativos, e cabe a cada organização avaliar a estratégia mais adequada para alcançar as metas coletivas.

Além disso, cada vez mais estão a ser desenvolvidas táticas para contornar a censura. Como forma de burlar os bloqueios a determinados conteúdos disponíveis online, podemos citar aplicações como o speak2tweet e a rede virtual privada ou VPN. Enquanto o speak2tweet permite que usuários publiquem tweets mesmo durante os bloqueios ao Twitter através de uma chamada para um número de telemóvel, o VPN realiza a criptografia do tráfego de Internet que não só possibilita o acesso a conteúdos bloqueados como também oferece mais segurança contra vigilância do governo e de entidades privadas (Dennis et al. 2019; DeVriese 2016).

A despeito das preocupações quanto a segurança e privacidade, as ativistas ainda consideram os espaços digitais indispensáveis para o avanço das pautas feministas. De acordo com o estudo da *Northwestern University – Qatar*, a parcela de pessoas que alteraram o comportamento online devido a questões de privacidade reduziu quando comparado aos níveis do ano anterior. Analogamente, somente três em cada dez pessoas afirmaram que diminuiriam o compartilhamento de informações sensíveis e postagens online (Dennis et al. 2019). Uma sondagem entre ativistas do Bahrein evidenciou que 95% dos respondentes consideram as redes sociais em alguma medida eficazes para mobilização política, sendo que 80% destes acreditam que as redes sociais são muito importantes nesse sentido (Moore-Gilbert e Abdul-Nabi 2021). Isto posto, a atuação online deve ser combinada com iniciativas offline de modo que a articulação de diferentes estratégias não apenas permita mitigar os aspetos negativos do ciberativismo como também assegurar uma plataforma inclusiva para todas as pessoas do género feminino.

### 3 Ciberativismo Feminista no Twitter: o caso do Qatar

A partir de um estudo de caso do Catar, usamos os dados extraídos das contas da rede social Twitter de ativistas feministas para examinar os padrões de comunicação deste grupo. Esses padrões, representados por palavras-chaves e categorias de palavras, foram fundamentais tendo em vista que viabilizaram a avaliação das vertentes teóricas que influenciam o debate de género na região, bem como os principais temas abordados pelas ciberativistas feministas do Catar. Em seguida, apresentaremos um panorama do feminismo do nosso estudo de caso para que seja possível compreender o contexto desses debates. Ademais, realizaremos uma caracterização da amostra onde serão apresentados os critérios de seleção dos perfis assim como um breve resumo sobre as ativistas selecionadas e as etapas de recolha e processamento dos dados. Para então, apresentar os resultados fundamentados pela análise de conteúdo.

#### 3.1 A relevância das redes sociais na observação do ativismo feminista no Qatar

Tendo compreendido a importância do uso das redes sociais para o ativismo feminista no mundo árabe, é possível verificar alguns indícios que nos permitem constatar a relevância das redes sociais enquanto espaço para observar as ideias e interações das ativistas feministas da região. Em vista da crescente utilização das redes como forma de mobilização política e disseminação de informações, bem como a alta penetrabilidade das mídias sociais, as publicações e atividades online geram uma grande quantidade de dados disponíveis para o público a preços acessíveis – ou até mesmo sem nenhum custo. Segundo Barberá & Steinert-Threlkeld (2020, 404), “Its high degree of spatial and temporal granularity allows the study of behavior at low levels of aggregation but also at a more macro scale and from a comparative perspective.”. Contudo, é preciso apontar que isso não ocorre sem desafios. Dentre os quais podemos citar as limitações impostas por *web bots* – como, por exemplo, a dificuldade em diferenciar as informações reais das fabricadas por softwares –, e as dificuldades encontradas por pessoas que não estão familiarizadas com a programação e ferramentas tecnológicas<sup>26</sup>.

Nada obstante, as evidências apontam que as novas tecnologias da informação são particularmente valiosas nas pesquisas acerca das características e comportamento dos seres humanos (Barberá e Steinert-Threlkeld 2020). A observação de elementos como, por exemplo, os perfis seguidos e dos conteúdos que recebem *likes* nos permite identificar os gostos e

---

<sup>26</sup> *Web bots* ou *bots* são *softwares* utilizados para realizar ações na Internet de forma automática. O uso mais comum dos bots é a postagem de conteúdo em favor de um determinado partido político ou candidato em período de eleições. Contudo, esses também podem ser utilizados para hostilizar pessoas devido ao seu posicionamento online.

alinhamentos político-ideológicos dos usuários. Nesta leitura, é de conhecimento comum estratégias que envolvem o uso de algoritmos seja com finalidade de reter a atenção do usuário, conforme abordado no documentário ‘O Dilema das Redes (2020)’, ou para investigação acadêmica. Entre os principais exemplos podemos citar o instituto de pesquisa *Pew Research Center* que é responsável pela elaboração de infográficos e relatórios sobre ativismo online, além de *think tanks* como o *Konrad Adenauer Stiftung*, a *Northwestern University - Qatar* e o *European Institute of the Mediterranean* que publicaram artigos e/ou relatórios sobre os diversos aspectos das redes sociais. Dentre os assuntos abordados, destacam-se as pesquisas em torno do posicionamento político-partidário a partir de dados do Twitter, os variados usos das redes sociais, e o uso destas como ferramenta de empoderamento feminino no mundo árabe<sup>27</sup>.

### 3.2 O Catar como estudo de caso

Nas últimas décadas, houve um esforço do Estado do Catar em promover a ampliação dos direitos das mulheres, sobretudo no âmbito econômico. Mediante os elevados níveis de dependência de mão-de-obra estrangeira<sup>28</sup>, acima de tudo, a uma demanda do país por maior participação de cataris na base econômica. Além de instituir uma cota de nacionais para alguns setores, uma das principais iniciativas tem sido estimular a inserção das mulheres no setor econômico. Para tanto, a *Qatar Second National Development Strategy (QNDS)* definiu o empoderamento econômico feminino como um dos pilares fundamentais para alcançar os seus objetivos de desenvolvimento econômico e humano<sup>29</sup> (Planning and Statistics Authority 2019).

Como resultado, o país apresentou feitos significativos no que se refere aos direitos das mulheres. O Catar criou melhores condições para a inserção das mulheres nos setores produtivos ao instituir 60 dias de licença maternidade para as mulheres (Perniceni et al. 2016). De modo semelhante, a *Qatar Foundation* tem empreendido esforços no sentido de promover a equidade de gênero no âmbito acadêmico por meio do *reality show Stars of Science*. Esta iniciativa tem como propósito criar uma plataforma através da qual mulheres das áreas de CTEM possam compartilhar suas visões e experiências (Qatar Foundation 2020). No que se refere ao nível educacional, o país atingiu o índice de 0,987 no *Global Gender Gap Index* – valor semelhante de países considerados referência em direitos humanos, como a Suíça (World Economic Forum 2022).

---

<sup>27</sup> Para mais detalhes, ver em: NW, Washington, e Inquiries, «Politics on Twitter»; Dennis et al., «Media use in the Middle East, 2019: A seven-nation survey».

<sup>28</sup> De acordo com dados do Statista, em 2019, cerca de 91% da população estrangeira estava inserida no mercado de trabalho, enquanto apenas cerca de 52% dos cataris participavam da força de trabalho. Fonte: (Statista 2019)

<sup>29</sup> Neste caso, empoderamento econômico é caracterizado pela autonomia financeira das mulheres, e o aumento da participação dessas tanto no mercado de trabalho como enquanto empreendedoras

Isso, por sua vez, gerou uma contradição entre os esforços estatais em promover a inserção de mulheres na esfera pública, e as concepções conservadoras em torno dos estereótipos de gênero. Um inquérito realizado em Junho de 2014 com 1.049 mulheres cataris demonstrou que 73% das participantes afirmam que há pressões sociais para que as mulheres assumam os papéis tradicionalmente designados à elas – enquanto mãe e esposa (Mitchell et al. 2015). Outro estudo mais recente constatou que, a despeito dos esforços em ajustar-se as normas sociais, em torno de metade do grupo de mulheres considera que os estereótipos de gênero podem limitar a futura inserção no mercado de trabalho. Sendo que 79% das participantes afirmaram que a aprovação dos seus futuros maridos seria um fator determinante na trajetória profissional (James-Hawkins, Al-Attar, e Yount 2021). Portanto, se por um lado, o Estado incentiva uma maior participação das mulheres na base econômica, por outro lado as expectativas da sociedade civil constroem as escolhas profissionais das cataris.

Essas perspectivas contrastantes refletem-se no cenário antinómico que observamos no país. Pese embora os notáveis avanços no nível educacional, ainda persiste uma desigualdade considerável entre homens e mulheres no que se refere a atividade laboral. Quando consideramos a media dos fatores utilizados para aferir a paridade de gênero, notamos o desempenho modesto do país. O Catar esteve entre os três piores países da região MENA em termos de igualdade de gênero, e apresentou pouco ou nenhum progresso em relação ao ano anterior (World Economic Forum 2022). O cenário demonstra-se ainda controverso quando observamos a participação de mulheres em cargos ministeriais e a proporção de trabalho não remunerado designado às mulheres. A disparidade entre homens e mulheres que ocupam cargos ministeriais é de cerca de 85%. As mulheres dedicam 1,94% do tempo ao trabalho não remunerado – e.g. executando tarefas domésticas – em contrapartida os homens dedicam apenas 0,14% de tempo para o mesmo (World Economic Forum 2022, 299). Dessa forma, nota-se que ainda há muito progresso a ser feito<sup>30</sup>.

Diante desses entraves, é essencial que haja um esforço das ativistas feministas em fomentar os debates sobre o papel da mulher na sociedade. Nesta perspectiva, é possível apontar algumas figuras que têm sido responsáveis por introduzir esses debates a uma audiência maior

---

<sup>30</sup> Diversos autores empenharam-se em investigar as causas da divergência entre as iniciativas estatais de estímulo a inserção das mulheres na esfera pública e os baixos níveis de representação em escala ministerial e cargos gerenciais. Ver em: Al-Muhannadi, «The Role of Qatari Women: Between Tribalism & Modernity»; James-Hawkins, Al-Attar, e Yount, «Young Adult Women's Aspirations for Education and Career in Qatar»; Golkowska, «Qatari Women Navigating Gendered Space»; James-Hawkins, Qutteina, e Yount, «The Patriarchal Bargain in a Context of Rapid Changes to Normative Gender Roles»; Salem e Yount, «Structural Accommodations of Patriarchy»; Liloia, «Gender and nation building in Qatar: Qatari women negotiate modernity».

por intermédio das plataformas digitais. Uma das feministas mais proeminentes na região é a chefe do departamento de Humanidades e Ciências Sociais da Universidade Hamad Bin Khalifa, Dra. Amal Al-Malki. Por meio do seu podcast “*Women in the Middle East*”, Al-Malki busca apresentar as diferentes realidades das mulheres do Médio Oriente. De modo semelhante, ela utiliza suas plataformas digitais no Instagram para apontar fatos sobre a desigualdade de gênero, e possui o “*Feminist Glossary*” onde define conceitos centrais para o debate feminista, como patriarcado e sexismo.

Outra figura central no ciberativismo feminista do Catar é a professora da *Georgetown – Qatar*, Dra. Zarqa Pervez. Pese embora a académica também seja parte da elite econômica e intelectual do país, Pervez utiliza suas plataformas com o propósito de incentivar uma perspectiva feminista mais inclusiva. Por um lado, o seu trabalho académico chama atenção para a necessidade de uma abordagem feminista interseccional, isto é, que abarque os desafios de mulheres que enfrentam outros tipos de discriminação – como, de classe social ou etnia – além da discriminação de gênero (Parvez 2021a; 2021b). Por outro lado, a professora da *Georgetown* é uma figura ativa nas redes sociais, sobretudo no que se refere ao discurso feminista, direitos das mulheres e o cenário sociopolítico no mundo árabe.

Por último, cabe sublinhar o papel da jornalista e académica, Maryam Al-Khater, na defesa da maior participação das mulheres no campo político do país. Em outubro de 2021, o Catar organizou a sua primeira eleição legislativa para compor 30 dos 45 cargos do *Shura Council*. Um total de 28 mulheres concorreram pelo assento na câmara legislativa do país (Rahman 2021). A eleição representou uma quebra de paradigma na história do país tendo em vista que esta foi a primeira vez que mulheres concorreram em eleições para um cargo público. Nesse sentido, Al-Khater utilizou o Twitter para não apenas estimular as mulheres a votarem e promover campanhas onde explicava o funcionamento do *Shura Council*, como também para conferir maior visibilidade para as mulheres concorrendo ao cargo. Dessa forma, a despeito do empenho de algumas figuras em incentivar um debate de gênero inclusivo, podemos constatar que o ativismo feminista no Estado do Catar ainda se encontra restrito a uma elite política e intelectual.

### 3.3 O Twitter como ferramenta de estudo de caso

A pesquisa foi realizada em quatro etapas: (1) realizamos a pré-análise onde foram definidos os componentes analisados, bem como os atores e o intervalo de tempo a serem examinados, (2) em seguida, prosseguimos para a coleta dos dados através da aplicação *Python* com as credenciais obtidas no *Twitter Developer Account*, (3) após a coleta o material foi traduzido com auxílio da função *Google Translate* do *Google Sheets*, (4) já na última etapa recorreremos

a uma combinação das ferramentas disponíveis no software *IBM SPSS Modeler 18.2* com técnicas manuais de categorização. Durante a pré-análise, foram selecionados os componentes que seriam indispensáveis para o estudo. Dentre os quais estão: a data do tweet, o nome do usuário que publicou o tweet, e o corpo de texto do tweet.

No que tange aos atores, buscamos focalizar nas publicações da rede social Twitter de seis mulheres influentes em seus campos de atuação e que se manifestam publicamente em defesa do empoderamento feminino. O período de análise estendeu-se até Julho de 2022, contudo é importante ressaltar que se apresentaram diferentes marcos iniciais no período de análise para cada um dos perfis selecionados. Essa discrepância se deve, precipuamente, aos limites de extração de 3.200 tweets com a ferramenta *Python* e no caso das contas de Lolwa Al-Marri e Maryam Al-Khater isso explica-se pelas diferentes datas da primeira publicação.

O *Twitter Developers Account* é uma plataforma criada pela rede social Twitter<sup>31</sup>. A plataforma disponibiliza ao administrador da conta um conjunto de comandos e credenciais que podem ser empregados para diferentes finalidades que variam desde o agendamento de postagens até a busca e exportação de hashtags ou tweets (Twitter Developer 2022).

Apesar dos benefícios do *Twitter Developers*, a autora optou por utilizar a linguagem de programação *Python* para realizar a extração dos dados tendo em vista que os comandos executados no *Python* são de fácil compreensão mesmo para os que não estão habituados a utilizar essa ferramenta. Para isso, é necessário utilizar os *tokens* do *Twitter Developers Account* com a finalidade de conceder acesso ao utilizador através do *Python*. Em seguida, o utilizador escreve os comandos para extrair os dados que tenciona analisar. De acordo com o objetivo do administrador é possível aplicar filtros para limitar a retirada de dados e, por exemplo, exportar apenas os tweets que contêm uma determinada palavra ou hashtag. Para esta tese, filtramos apenas com base nos nomes de usuário, isto é, retiramos os tweets de uma determinada conta e, por fim, exportamos os dados para um arquivo Excel. Com base neste arquivo, foi possível avançar para a terceira fase da análise. Para tanto, buscamos adicionar uma coluna e aplicar a fórmula do Excel para traduzir o conteúdo que foi publicado em árabe<sup>32</sup>. Essa ferramenta demonstrou ser crucial já que viabilizou a ampliação da análise para a totalidade do conteúdo escrito seja em língua inglesa ou em língua árabe.

---

<sup>31</sup> Para ter acesso a *Twitter Developers Account*, o usuário precisa ter uma conta no Twitter e aplicar através do site [www.developer.twitter.com](http://www.developer.twitter.com). Durante o processo de aplicação o usuário terá que explicar a finalidade da sua aplicação e como essa ferramenta contribuirá para alcançar os seus objetivos. Uma vez aprovada, o utilizador terá acesso a sua *API Key and Secret*, o seu *Bearer Token* e o seu *Access Token and Secret*. Esses *tokens* funcionam como palavras-passe para autenticar o acesso do utilizador.

<sup>32</sup> A fórmula para utilizar o recurso de tradução no Excel é: =GOOGLETRANSLATE (célula; “idioma original”; “idioma a ser traduzido”)

Após selecionar o material, avançamos para a etapa de exploração, na qual utilizamos a técnica de *skimming* para obter uma visão geral das ideias apresentadas no documento. Em seguida, definimos o objetivo da análise de conteúdo, que foi realizar uma investigação sobre os padrões de comunicação do feminismo árabe no Twitter, visando verificar se há alguma influência teórica dominante no ativismo feminista digital. A hipótese deste estudo, formulada com base na revisão da literatura e na análise preliminar do material selecionado, é que o panorama atual do ativismo feminista digital no mundo árabe é marcado pela convergência de elementos característicos do feminismo secular - como a importância da equidade salarial e o aumento da representatividade feminina - com elementos característicos do feminismo islâmico - como a luta contra os estereótipos de gênero em relação às mulheres muçulmanas e a reinterpretação do Islã como possibilidade de emancipação feminina.

Na etapa de processamento de dados, iniciamos com a seleção dos indicadores a serem examinados. Neste contexto, priorizamos a análise temática uma vez que esta fornece as ferramentas necessárias para, por meio de um recorte temático, identificar os vetores que são preponderantes na comunicação das ativistas. Com o auxílio do recurso *TextAnalytics* do *software SPSS Modeler*, foi possível realizar o processo automatizado de categorização dos conteúdos analisados. O *TextAnalytics* é um instrumento que emprega tecnologia linguística e processamento linguístico a fim de analisar uma grande quantidade de conteúdo em texto não-estruturado («IBM Documentation» 2021). Em um primeiro momento, o *software SPSS Modeler* realizou a extração dos conceitos, ou palavras-chaves, e a subsequente enumeração da presença do conceito ao longo da comunicação a fim de determinar a frequência de utilização dos termos. Em seguida, foi executada a categorização automatizada. Segundo critérios semânticos selecionados pela autora, o *software* agrupou as palavras-chave em categorias. Após o processo de categorização, é imprescindível dedicar-se ao refinamento das categorias. Nesta etapa, foram filtrados os resultados de modo a excluir classes de palavras que não são relevantes para os objetivos deste estudo, nomeadamente os nomes de pessoas, os URLs, *websites* e nomes de usuários, e adequar as palavras as categorias.

Paralelamente, revisamos as palavras-chave referentes a cada categoria de modo a assegurar que foram categorizadas de modo correto, e criamos categorias para agrupar as unidades de registo que estão diretamente relacionadas aos objetivos da pesquisa. As palavras-chaves de uma categoria referem-se as palavras que, devido os seus significados, são associadas/representam uma determinada categoria. Na Tabela 1, apresentamos as palavras-chave que foram acrescentadas pela autora em cada uma das três categorias de interesse. A categoria “*GENDER*” representa o nosso objeto de estudo, discussões sobre gênero e

feminismo, ao passo que as categorias “*RELIGION*” e “*SECULAR*” representam as duas vertentes teóricas dominantes do Feminismo no mundo árabe. Finalmente, recorreremos ao software para apurar a coocorrência, isto é, avaliar quais as categorias apresentam-se ao mesmo tempo bem como a frequência. Essa frequência é avaliada por meio da enumeração das publicações onde pelo menos uma das palavras-chave são apresentadas.

**Tabela 1:**

*Códigos – Análise SPSS Modeler*

<b>Categorias</b>	<b>Palavras-chave</b>
<b><i>GENDER</i></b>	<i>gender</i> <i>woman</i> <i>women</i> <i>female</i> <i>feminism</i> <i>feminist</i>
<b><i>RELIGION</i></b>	<i>islam</i> <i>islamic</i> <i>islamism</i> <i>islamist</i> <i>muslim</i> <i>god</i> <i>allah</i> <i>prophet</i>
<b><i>SECULAR</i></b>	<i>secular</i> <i>secularism</i> <i>secularist</i> <i>human rights</i> <i>international law</i>

### 3.4 Resultados

Uma vez compreendidas as etapas de coleta e de processamentos de dados, e os critérios de categorização, é imperativo examinar os dados obtidos. A partir de uma base de dados que

continha um total de 15.782 tweets retirados das seis contas do Twitter, utilizamos o *software IBM SPSS Modeler 18.2* onde aplicamos critérios semânticos de análise de conteúdo a fim de avaliar em que medida a perspectiva secular e/ou a perspectiva islâmica influenciam o Ciberativismo feminista no mundo árabe. Essa técnica de processamento de dados incorpora elementos quantitativos dado que calcula a frequência do emprego das unidades de registo.

O recurso *Text Analysis* culminou na extração de mais de 30.000 conceitos. Os conceitos gerados foram filtrados de modo a excluir os tipos de palavras que correspondiam a nomes de pessoas, nomes de usuários, *websites* e url. Neste contexto, dois conceitos destacaram-se devido estarem entre os dez conceitos mais mencionados: “*women*” e “*god*”. Apesar de revelarem a importância dos debates de género e da religião na comunicação dos atores seleccionados, somente após o processo de categorização e análise de como as categorias de interesse apresentam-se no quadro específico das discussões de género será possível determinar a preponderância de uma ou outra vertente. Isso se deve ao fato de que embora um conceito ou conjunto de conceitos possa ser relevante no contexto geral da comunicação, ao mesmo tempo pode revelar-se irrelevante no debate de um aspeto específico abordado na comunicação.

Isto posto, com base nos conceitos extraídos das publicações foi possível gerar 34 categorias. Nessa perspectiva, cada categoria reúne um conjunto de palavras-chaves que estão relacionadas a um determinado assunto. Tendo como exemplo a categoria “*geographical location*”, é possível notar que esta agrupa as menções a países ou regiões específicas na medida que as palavras-chaves incluem, e.g. *Qatar, Bahrain* e *Gulf*. Ao passo que a categoria “*GENDER*” reúne palavras como *mulheres muçulmanas, mulheres sauditas, direitos das mulheres, género e feminismo*. Portanto, cada categoria corresponde a um eixo temático definido a partir dos significados das palavras.

O primeiro conjunto de análises confirmou o impacto das discussões de género pelas ativistas feministas do Catar. Esse foi observado, sobretudo, a partir de um estudo quanto a relevância que cada uma das categorias enfatizadas neste estudo representam no contexto mais amplo dos mais de 15.700 documentos. O conjunto “*GENDER*” foi o mais expressivo dentre os três uma vez que as temáticas de género se encontram presentes em 887 documentos, além de figurar entre os principais eixos temáticos. No que tange as unidades de registo pertencentes ao grupo “*RELIGION*”, identificamos ocorrências destas em 493 documentos, isto é, cerca de 0,03 % dos tweets das seis contas. Por fim, as unidades de registo associadas a classe “*SECULAR*” apresentaram-se em apenas 90 dos tweets, ou seja, cerca de 0,005 % do total de publicações. Assim sendo, a importância dos debates de género deve ser enfatizada.

Além disso, é essencial examinar os principais eixos temáticos das categorias de interesse. Para avaliarmos essa dimensão, investigamos as categorias que pertenciam cada uma das três variáveis. No panorama das publicações de conteúdo religioso, destacam-se os tweets que se referem aos assuntos relacionados à família, ocupação profissional/profissão e a localização geográfica. Estas equivalem respetivamente a 12,2%, 11,2% e 9,9% das publicações. Ainda no que se refere a categoria “*RELIGION*”, as questões de género encontram-se entre os 10 tópicos mais importantes da categoria. Portanto, os valores tradicionais associados a família, e o cariz local são claramente significativos quando nos concentramos nos temas religiosos.

De modo geral, os resultados verificados na categoria “*SECULAR*” não apresentou diferenças significativas. Sob tal ótica, conforme notado na categoria “*RELIGION*”, localização geográfica e ocupação profissional figuram entre os assuntos mais expressivos dentre as discussões de teor secular de modo que ambos constituem 20,4% dos tweets desta categoria. Contudo, diferentemente da categoria “*RELIGION*”, verificou-se uma representatividade considerável das temáticas associadas ao direito das mulheres no quadro secular. Com efeito, o terceiro eixo temático mais relevante foram as questões de género que representaram 13,3% dos documentos da categoria “*SECULAR*”. Assim sendo, verifica-se que a vertente local, a perspectiva de género e os trabalhadores constituem elementos preponderantes nos debates sobre os pilares do secularismo, os direitos humanos.

De forma semelhante as categorias anteriores, verifica-se a preeminência dos assuntos em torno da localização geográfica e da profissão no grupo “*GENDER*”. Estas correspondem, nesta ordem, a 25,2% e 18% dos documentos. Contudo, quando nos concentramos nesta categoria percebe-se a emergência de duas novas categorias: “*human*” e “*government*”<sup>33</sup>. Dentre as unidades de registo associadas a temática “*human*” temos, por exemplo, natureza humana, humano e ser humano, ao passo que as discussões em torno do grupo “*government*” incluem todos os Ministérios, agências, departamentos, e autoridades da administração pública – a saber a autoridade legislativa e o concelho municipal, o Emir, e o Ministério dos Negócios Estrangeiros. A categoria demonstra-se ainda mais relevante quando consideramos o contexto das eleições do *Shura Council* que ocorreram no ano de 2021. Dentre as principais temáticas sublinhadas nesta categoria, podemos citar as explicações sobre a importância da participação das Cataris no exercício do dever cívico, e os comentários acerca do resultado da eleição. Neste

---

<sup>33</sup> A categoria “*human*” não inclui a palavra “*human rights*” e suas derivações tendo em vista que estas últimas pertencem a categoria “*SECULAR*” e é imperativo que as categorias formuladas no processo de análise de conteúdo sejam mutuamente excludentes.

contexto, dentre as mais de 26 candidatas nenhuma logrou êxito nas eleições («Qatar emir appoints two women to advisory council after men sweep polls | Reuters» s.d.). Destarte, de acordo com os perfis analisados, com vistas a reduzir as disparidades de gênero é imprescindível que haja uma maior participação feminina na esfera política.

Finalmente, a análise das coocorrências de termos no quadro das discussões feministas foi utilizada com o propósito de mensurar em que medida o ciberativismo feminista é influenciado pelas vertentes secular e/ou islâmica. Essa técnica é importante uma vez que possibilita avaliar a frequência que as unidades de registo associadas a determinada temática se apresentam no discurso das ativistas feministas sobre direitos das mulheres. Dentre os 887 tweets sobre mulheres e gênero, 19 publicações pertencem a categoria “*RELIGION*”, ao passo que 14 publicações se enquadram na categoria “*SECULAR*”. Dessa forma, não foram observadas diferenças significativas entre o uso de termos associados à vertente Islâmica e à vertente secular.

## Conclusão

Esta análise permitiu que estabelecêssemos uma relação entre teoria e prática do feminismo no mundo árabe. Para cumprir esse objetivo foi apresentada a caracterização e a contextualização do pensamento feminista no mundo árabe. Essa caracterização foi essencial para compreender as bases das duas vertentes teóricas predominantes e os eventos que tiveram um impacto significativo para o desenvolvimento do movimento social. Posteriormente, discorremos sobre o panorama do uso das redes sociais na região e avaliamos em que medida as redes sociais contribuem ou limitam a atuação das ativistas. Esta, por sua vez, possibilitou um entendimento acerca do papel das redes sociais no mundo árabe. Por último, foram avaliados os conteúdos publicados online por figuras proeminentes na luta pelos direitos e empoderamento das mulheres no Catar que demonstraram-se fundamentais para detetar os recortes temáticos e padrões na narrativa feminista do país de maneira a avaliar se o discurso foi influenciado por uma vertente secular ou islâmica ou, até mesmo, se combina elementos das duas perspetivas.

As evidências observadas indicam que o mundo árabe é um território complexo e peculiar. Além dos desafios quanto as definições do que representa o mundo árabe, fatores externos tiveram desdobramentos importantes para a formação das sociedades árabes. Nesta leitura, as demarcações territoriais executadas de maneira arbitrária não consideraram as divisões entre os povos e as múltiplas definições em torno do que constitui mundo árabe denotam uma dificuldade em obter uma conceitualização precisa sobre o território. Adiciona-se a isso, a construção de um imaginário por parte dos povos colonizadores que ainda marcam a perceção que os povos Ocidentais têm acerca do mundo árabe. A reprodução de uma visão estereotipada que considera a conceção de mundo Ocidental como paradigma universal não apenas cria uma barreira na compreensão da realidade do mundo árabe, que não se enquadra nesse paradigma, mas também gera um distanciamento entre o mundo Ocidental e o mundo Oriental.

Enquanto, por outro lado, a combinação de componentes internas que são representativas do mundo árabe evidenciam o cariz peculiar da região. Dentre elas, nota-se sobretudo a centralidade dos valores pré-coloniais, como a hospitalidade e as alianças por similaridade ou *kinship*. Esses valores refletem-se na sociedade através de arranjos maritais que tem como finalidade fortalecer, seja em termos políticos, económicos ou sociais, o status das partes envolvidas. Além disso, a permeabilidade da religião em diversos setores da sociedade é tao profunda que regula os diversos aspetos da vida em sociedade: desde o conjunto de leis até a

definição de normas de comportamento social (Bowen, Early, e Schulthies 2014; Cherif Bassioun 2012; The Islamic Society of Boston Cultural Center s.d.). Este conjunto de fatores internos e externos refletem a complexidade e peculiaridade do mundo árabe.

Diante disso, foi possível sublinhar duas vertentes teóricas que empregaram esforços no sentido de dar conta desses desafios. As bases do pensamento feminista no mundo árabe foram fortemente influenciadas pelo contexto em que surgiram. O Feminismo Secular surgiu em um contexto marcado pela ascensão de correntes teóricas pós-positivistas e pelo triunfo do nacionalismo árabe. Neste contexto, tanto as revoltas anticoloniais quanto a corrente secular contestavam o domínio dos aspetos culturais e religiosos na esfera política. Assim, as bases do feminismo secular eram pautadas no discurso dos direitos humanos – assim como o feminismo Ocidental – e contrapunham-se a influência religiosa em todas as dimensões da sociedade já que essa representava uma barreira aos valores universais propostos pelos direitos humanos. Embora tenha contribuído para o debate sobre as mulheres, a corrente secularista é vista como uma importação dos valores Ocidentais e, por vezes, enfrenta rejeição por parte da comunidade árabe-muçulmana. Portanto, o Feminismo Secular mostrou-se insuficiente para apreender a complexidade e peculiaridade das sociedades árabes.

Em resposta as tendências secularistas, surge o Feminismo Islâmico em um cenário marcado pela ascensão do Islamismo político e pela conseqüente retomada dos valores islâmicos. Mediante este cenário, o Islamismo político buscou restaurar uma visão conservadora acerca da religião e implementou esse discurso com vistas a cercear os direitos das mulheres. De modo a conciliar as propostas de avanço dos direitos das mulheres com a realidade de um contexto social predominantemente islâmico, nasceu o Feminismo Islâmico. Essa vertente funda os seus preceitos no Islão e na escritura sagrada, o *Qu'ran*, com vistas a demonstrar que é possível harmonizar o aspeto religioso, que é essencial no mundo árabe, com a defesa dos direitos das mulheres.

Apesar de partirem de premissas distintas e da história do pensamento feminista ser marcado pela dicotomia entre Feminismo Secular e Feminismo Islâmico, é impossível negar que ambas as vertentes possuem objetivos semelhantes. Em primeiro lugar, respaldando-se nas concepções pós-coloniais, ambas as correntes tinham como objetivo combater a narrativa estereotipada sobre as mulheres árabes. Soma-se a isso, os esforços em promover a elevação do status da mulher na sociedade – seja por meio da busca por autonomia financeira, engajamento em mobilizações sociais, ou possibilidade de escolha em relação a carreira profissional, vida familiar e a vestimenta. Por fim, os esforços em contestar as interpretações extremistas e conservadoras propostas pelo tradicionalismo islâmico. Portanto, pese embora as

divergências, a partilha de objetivos indica a possibilidade de superação do discurso dicotômico em torno das abordagens feministas.

Além disso, nota-se que ao longo da história houve uma relação próxima entre teoria e prática. Ao observarmos os contextos de surgimento das abordagens feministas, por exemplo, é possível constatar que a conjuntura de acontecimentos impulsionou a adoção de uma ou outra abordagem. No contexto de ascensão da abordagem islâmica, a região era caracterizada pela insatisfação com as propostas do Islamismo político gerou uma revolta entre determinados setores da sociedade que, por sua vez, buscaram no Feminismo Islâmico um instrumento para fazer frente a ascensão de uma corrente de pensamento tradicionalista. Então, nota-se que eventos ocorridos no âmbito prático impulsionaram os desenvolvimentos das correntes teóricas, seja no seu nascimento ou na influência em temáticas abordadas.

Outro ponto que deve ser destacado é o impacto da globalização para o feminismo árabe. Sob este ponto de vista, foi possível constatar que a combinação das características da globalização – como o cariz desterritorializado –, assim como a crescente repercussão de eventos locais no cenário internacional e o desenvolvimento de novas tecnologias permitiram que cada vez mais as ideias transcendessem as fronteiras territoriais e atingissem uma audiência maior. Sendo o acontecimento de maior destaque a disseminação da utilização das redes sociais enquanto ferramenta de mobilização social uma vez que estabeleceu um novo paradigma no ativismo feminista no mundo árabe: o ciberativismo feminista.

No que diz respeito ao papel das redes sociais para o ativismo feminista no mundo árabe, tornou-se evidente que estas constituem um instrumento fundamental para as feministas. Primeiramente, devido aos elevados níveis de penetrabilidade da internet e das novas tecnologias como os dados móveis qualquer pessoa que tenha um telemóvel ou computador com acesso a internet pode expressar suas opiniões, reproduzir – seja em vídeo ou em textos – situações de injustiça social, e até mesmo educar outros usuários sobre um determinado assunto. Embora existam as limitações associadas ao uso dessa ferramenta, o ciberativismo representa uma ferramenta essencial para as ativistas feministas do mundo árabe, sobretudo ao considerarmos o cenário de restrições às liberdades civis e individuais apresentadas nesses territórios. As suas aplicações incluem, dentre outras, as campanhas de conscientização, workshops para desenvolvimento de habilidades profissionais, até a mobilização para protestos na esfera offline. Contudo, cabe salientar que esse aspecto não é suficiente para determinar de que maneira o ativismo feminista digital gera reflexos na esfera offline.

Após investigar o ciberativismo feminista no Catar, especificamente, constatamos fatos que merecem ser ressaltados. Primeiramente, mesmo em locais que não possuem uma tradição

de mobilização social forte, as redes sociais criam um espaço onde as mulheres podem compartilhar suas experiências, aprender conceitos feministas, expressar suas opiniões e insatisfações com o cenário vigente. Ademais, o Estado do Catar é marcado pela convergência de aspectos associados a tradição Ocidental explicitadas pelos esforços em promover inclusão das mulheres no âmbito econômico, como também aspectos mais tradicionais da cultura árabe como a marcada presença dos valores religiosos como guia para a vida em sociedade e as percepções da sociedade civil quanto ao papel da mulher como mãe e esposa.

Em síntese, as análises realizadas a partir das publicações das seis contas do Twitter permitiram identificar os principais eixos temáticos abordados pelas ativistas feministas no Catar. Os resultados evidenciaram a importância das discussões de gênero, tanto no contexto religioso quanto secular. Além disso, foi possível observar a relevância da localização geográfica e da ocupação profissional nas discussões em geral, bem como a emergência de novas categorias, como "*human*" e "*government*". Esses resultados fornecem *insights* valiosos para o ativismo feminista no Catar e destacam a importância de uma abordagem mais ampla e integrada para promover mudanças significativas na sociedade.

De modo semelhante ao contexto social, a análise de conteúdos publicados por ativistas feministas no Catar no Twitter aponta para uma convergência de aspectos da cultura Ocidental e de tradições culturais. Tanto as temáticas associadas à vertente Islâmica quanto as temáticas associadas à vertente secular encontram-se presentes no panorama do ciberativismo feminista. Além disso, apesar da notória relevância do aspecto religioso nas redes sociais dessas ativistas em geral, não encontramos diferenças significativas entre as publicações de cunho secular e religioso no quadro específico dos debates de gênero. Assim, podemos inferir que há uma convergência de influências tanto da abordagem religiosa quanto da abordagem secular nesses debates.

A hibridação das influências teóricas expressa na dimensão cibernética, por sua vez, altera o horizonte do feminismo no mundo árabe. Isso se deve ao fato que, ao contrário do âmbito teórico que é marcado pela dicotomia islâmico vs. secular, o âmbito cyber possibilita a confluência de elementos da tradição islâmica e do mundo Ocidental. Esta observa-se, em certa medida, no diálogo promovido pelas redes de ativismo transnacional entre as organizações de cunho secular e religioso. Contudo, a hibridação das dimensões islâmica e secular expressa-se de modo mais declarado no discurso do ativismo feminista digital no mundo árabe.

## Apêndice

### Overview – Ativistas feministas do Catar

Nome	Nome de usuário	Setor	Resumo
<b>Lolwa Al-Marri</b>	Lowalmarri	Governamental	Lowal Al-Marri é Presidente do <i>Qatar Women's Sports Committee</i> , cuja função é apoiar e preparar mulheres para participar de competições desportivas. Al-Marri acredita ser possível conciliar as tradições com um papel mais ativo na esfera pública.
<b>Dr. Maryam Al-Khater</b>	medadalqala_m_	Academia	Dr. Al-Khater é jornalista e acadêmica com especialização em redes sociais e movimentos políticos no Médio Oriente e Golfo. Maryam Al-Khater também escreveu artigos sobre lideranças femininas no Catar. A acadêmica utilizou as redes sociais para a necessidade de participação de mulheres em órgãos governamentais, particularmente no período das eleições do <i>Shura Concil</i> .

<b>Dr. Parvez Zarqa</b>	zarqaaa3	Academia	Dr. Parvez é professora assistente adjunta nas Universidades Northwestern e Georgetown, campus Catar, Parvez fundou o <i>Women's Society and Development Club</i> , e adota uma abordagem interseccional nos estudos sobre direitos humanos e direitos das mulheres no Golfo
<b>Dr. Buthaina Al Ansari</b>	buthainaalans a2	Setor Empresarial/ Academia	Dr. Al Ansari é PhD em Administração de Empresas e tem livros publicados sobre mulheres Cataris. Ademais, Al Ansari é parte da diretoria da organização <i>Arab International Women's Forum</i> , e têm promovido treinamentos que, dentre outras coisas, buscam promover a liderança feminina no âmbito empresarial.
<b>Aysha Al Mudahka</b>	Ayshaalm	Governamental/ Setor empresarial	Aysha Al Mudahka foi CEO do <i>Qatar Business Incubation Center</i> entre 2014 e 2019. Atualmente, Al Mudahka é Diretora da Iniciativa de Desenvolvimento de Parceria Estratégica na <i>Qatar Foundation</i> , e é membro-

			fundadora do Roudha Center, uma iniciativa voltada para o fomento do empreendedorismo entre as mulheres Cataris.
<b>Tahani Al-Hajri</b>	Tahani_alhajr i	Escritora	Al-Hajri é escritora, ativista dos direitos humanos e feminista. Tahani Al-Hajri é mestre em Negócios Internacionais e Finanças, e tem dois livros publicados sobre desenvolvimento pessoal.

Nota: Quadro elaborado pela autora com informações obtidas a partir de fontes externas. Fontes: (Al-Marri 2021; Al-Hajri s.d.; Georgetown University s.d.; Gulf International Forum s.d.; Tariq s.d.; WISE s.d.).

## Bibliografia

- Abrougui, Afef. 2021. «Follow the Money for Better Digital Rights in the Arab Region - Project on Middle East Political Science». *Project on Middle East Political Science, Digital Activism and Authoritarian Adaptation*, . <https://pomeps.org/follow-the-money-for-better-digital-rights-in-the-arab-region>.
- Abu-Lughod, Lila. 2012. «As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação?: reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus outros». *Revista Estudos Feministas* 20 (2): 451–70. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200006>.
- Agence France-Presse. 2022. «“Noof isn’t dead” - Qatari activist resurfaces on social media». *The South African*, 10 de janeiro de 2022. <https://www.thesouthafrican.com/news/noof-isnt-dead-qatari-activist-resurfaces-on-social-media/>.
- Ahmed-Ghosh, Huma. 2008. «Dilemmas of Islamic and Secular Feminists and Feminisms» 9: 19.
- Al Jazeera English, dir. 2019. *The Qatar Blockade | Start Here*. <https://www.youtube.com/watch?v=GZJwyEXUb58>.
- Al Thani, Al Jawhara. 2021. «Amplifying the Presence of Qatari Women in Public Space». Policy Report 54. Konrad Adenauer Stiftung.
- Alcântara, Lívia Moreira de. 2015. «Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões». *Aurora: revista de arte, mídia e política* 8 (23): 73–97.
- Al-Hajri, Tahani. s.d. «تهاني الهاجري مدونة عن الخبرات والسفر وزيادة الأعمال». Acedido a 24 de setembro de 2022. <https://www.tahanihajri.com/>.
- Al-Jenaibi, Badreya Nasser. 2020. «The Role of Twitter in Opening New Domains of Discourse in the Public Sphere: Social Media on Communications in the Gulf Countries». *International Journal of Information Systems and Social Change* 11 (3): 1–18. <https://doi.org/10.4018/IJISSC.2020070101>.
- Al-Marri, Lolwa Hussein. 2021. «Interview: Lolwa Hussein Al-Marri». Women of Qatar. 27 de julho de 2021. <https://www.womenofqatar.com/interviews/2021/7/27/lolwa-hussein-al-marri>.
- Almirzanah, Syafa. 2011. «Islam Favors Women». Em *Women in Islam*, por Diane Andrews Henningfeld. Farmington Hills: Greenhaven Press.
- Al-Oraimi, Suad Zayed. 2014. «Arab Feminism: Obstacles and Possibilities». Em *Arab Feminisms: Gender and Equality in the Middle East*, editado por Jean Said Makdisi, Nuḥá Bayyūmī, e Rafīf Riḍā Ṣayḍāwī, traduzido por Ellen Khoury. London: I.B. Tauris Publishers, in association with the Centre for Arab Unity Studies, Lebanese Association of Women Researchers.
- Al-Rawi, Ahmed. 2014. «Framing the Online Women’s Movements in the Arab World». *Information, Communication & Society* 17 (9): 1147–61. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2014.889190>.
- Alsahi, Huda. 2018. «The Twitter Campaign to End the Male Guardianship System in Saudi Arabia». *Journal of Arabian Studies* 8 (2): 298–318. <https://doi.org/10.1080/21534764.2018.1556871>.
- Arab News. 2022. «Saudi Arabia’s ICT spending to reach \$32.9bn in 2022: IDC», 2022. <https://www.arabnews.com/node/2056501/business-economy>.
- Arab Women Organization. 2016. «arabwomenorg.org | 2016 منظمة المرأة العربية». <http://english.arabwomenorg.org/agreement.aspx>.

- Arenfeldt, Pernille, e Nawar Al-Hassan Golley, eds. 2012. «Arab Women's Movements: Developments, Priorities, and Challenges». Em *Mapping Arab Women's Movements: A Century of Transformations from Within*. Cairo ; New York: The American University in Cairo Press.
- «Atlas of the Middle East». 2008. Cartographic material. Washington, DC: National Geographic Society.
- Baban, Feyzi. 2018. «Nationalism and the Crisis of Community in the Middle East». *Dialectical Anthropology* 42 (4): 351–57. <https://doi.org/10.1007/s10624-018-9534-5>.
- Badran, Margot. 2005. «BETWEEN SECULAR AND ISLAMIC FEMINISM/S Reflections on the Middle East and Beyond». *Journal of Middle East Women's Studies* 1 (1): 6–28. <https://doi.org/10.2979/MEW.2005.1.1.6>.
- Bahi, Riham. 2011. «Islamic and Secular Feminisms: Two Discourses Mobilized for Gender Justice». *EUI RSCAS*, n.º 25.
- Ball, Anna. 2008. «Critical Exchanges in Postcolonial Studies, Post-9/11». *Review of Education, Pedagogy, and Cultural Studies* 30 (3–4): 296–315. <https://doi.org/10.1080/10714410802143039>.
- Ball, Anna, e Karim Mattar. 2018. «Dialectics of Post/Colonial Modernity in the Middle East: A Critical, Theoretical and Disciplinary Overview». Em *The Edinburgh Companion to the Postcolonial Middle East*, por Anna Ball e Karim Mattar, 1–22. Edinburgh University Press. <https://doi.org/10.1515/9781474427708-006>.
- Barberá, Pablo, e Zachary C. Steinert-Threlkeld. 2020. «How to Use Social Media Data for Political Science Research». Em *The SAGE Handbook of Research Methods in Political Science and International Relations*. 1 Oliver's Yard, 55 City Road London EC1Y 1SP: SAGE Publications Ltd. <https://doi.org/10.4135/9781526486387>.
- Bardin, Laurence. 2011. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Barlas, Asma. 2005. «Globalizing equality: Muslim women, Theology, and Feminism». Em *On shifting ground: Muslim women in the global era*, por Fereshteh Nourraie-Simone. New York: Feminist Press at the City University of New York.
- Bilgin, Pinar. 2004. «Whose 'Middle East'? Geopolitical Inventions and Practices of Security». *International Relations* 18 (1): 25–41. <https://doi.org/10.1177/0047117804041739>.
- Blaise, Lilia. 2020. «Lina Ben Mhenni, 36, 'a Tunisian Girl' Who Confronted Regime, Dies». *The New York Times*, 29 de janeiro de 2020, sec. World. <https://www.nytimes.com/2020/01/29/world/middleeast/lina-ben-mhenni-dead.html>.
- Bowen, Donna Lee, Evelyn A. Early, e Becky Lyn Schulthies, eds. 2014. *Everyday life in the Muslim Middle East*. Third edition. Indiana series in Middle East studies. Bloomington, Indiana: Indiana University Press.
- Britannica. s.d. «Middle East | History, Map, Countries, & Facts | Britannica». Acedido a 12 de maio de 2022. <https://www.britannica.com/place/Middle-East>.
- Carvalho Pinto, Vânia. 2010. «POLÍTICAS PÚBLICAS NOS EMIRADOS ÁRABES UNIDOS (EAU): CONSTRUÇÕES IDEACIONAIS DA CIDADANIA FEMININA», 8.
- Central Intelligence Agency. s.d. «Countries - The World Factbook». Acedido a 12 de maio de 2022. <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/>.
- Charrad, Mounira M. 2011. «Gender in the Middle East: Islam, State, Agency». *Annual Review of Sociology* 37 (1): 417–37. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.012809.102554>.
- Cherif Bassioun, Mahmoud. 2012. «The Religion of Islam». Middle East Institute. 24 de janeiro de 2012. <https://www.mei.edu/publications/religion-islam>.
- Chon, Myoung-Gi, e Hyojung Park. 2020. «Social Media Activism in the Digital Age: Testing an Integrative Model of Activism on Contentious Issues». *Journalism & Mass Communication Quarterly* 97 (1): 72–97. <https://doi.org/10.1177/1077699019835896>.

- Choudhury, Cyra Akila. 2009. «Empowerment or Estrangement?: Liberal Feminism's Visions of the "Progress" of Muslim Women», 21.
- Chowdhry, Geeta, e Sheila Nair. 2004. *Power, Postcolonialism and International Relations Reading Race, Gender and Class*. 1st ed. Abingdon, Oxon: Taylor and Francis.
- Coleman, Isobel. 2010. *Paradise beneath her feet: how Islamic women are transforming the Middle East*. 1st American ed. New York: Random House.
- cooke, miriam. 2002. «Saving Brown Women». *Signs: Journal of Women in Culture and Society* 28 (1): 468–70. <https://doi.org/10.1086/340888>.
- Davison, Roderic H. 1960. «Where Is the Middle East?» *Foreign Affairs* 38 (4): 665. <https://doi.org/10.2307/20029452>.
- Dawisha, A. I. 2003. *Arab Nationalism in the Twentieth Century: From Triumph to Despair*. Princeton, N.J: Princeton University Press.
- Dennis, Everette E., Justin D. Martin, Elizabeth A. Lance, e Fouad Hassan. 2019. «Media use in the Middle East, 2019: A seven-nation survey». Doha: Northwestern University in Qatar.
- Devriese, Leila. 2008. «Renegotiating Feminist Praxis in the Arabian Gulf». *Cultural Dynamics* 20 (1): 73–94. <https://doi.org/10.1177/0921374007088056>.
- DeVriese, Leila. 2013. «Paradox of Globalization: New Arab Publics? New Social Contract?» *Perspectives on Global Development and Technology* 12 (1–2): 114–34. <https://doi.org/10.1163/15691497-12341246>.
- . 2016. «Genie out of the Bottle: Social Media and the Expansion of the Public Sphere in the Arab Gulf» 1 (1): 11.
- El Sadaawi, Nawal. 1980. «Arab Women and Western Feminism: An Interview with Nawal El Sadaawi». *Race & Class* 22 (2): 175–82. <https://doi.org/10.1177/030639688002200205>.
- Elíbio Jr., Antônio Manoel, e Carolina Soccio Di Manno de Almeida. 2013. «Epistemologias do Sul: Pós-colonialismos e os estudos das Relações Internacionais». *Cadernos do Tempo Presente*, n.º 14: 5–11.
- Enloe, Cynthia. 2014. *Bananas, Beaches, and Bases. Bananas, Beaches, and Bases: Making Feminist Sense of International Politics*. University of California Press.
- Enloe, Cynthia H. 2000. *Maneuvers: the international politics of militarizing women's lives*. Berkeley: University of California Press.
- Espinosa, Ángeles. 2022. «Noof al Maadeed: Reaparece en Twitter la joven feminista de Qatar por cuya vida se temía desde hace tres meses | Internacional | EL PAÍS». *El País*, 10 de janeiro de 2022. <https://elpais.com/internacional/2022-01-10/reaparece-en-twitter-la-joven-feminista-de-qatar-por-cuya-vida-se-temia-desde-hace-tres-meses.html>.
- Fatafa, Marwa. 2022. «Women Human Rights Defenders Speak out about Pegasus Attacks». *Access Now* (blog). 17 de janeiro de 2022. <https://www.accessnow.org/women-human-rights-defenders-pegasus-attacks-bahrain-jordan/>.
- Ferneá, Elizabeth W. 2005. «Foreword». Em *On shifting ground: Muslim women in the global era*, por Fereshteh Nouraie-Simone. New York: Feminist Press at the City University of New York.
- Ferreira, Francirosy Campos Barbosa. 2013. «Diálogos sobre o uso do véu (hijab): empoderamento, identidade e religiosidade». *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais* 43 (0): 183–98.
- Freedom House. 2022. «Freedom in the World 2022». The Global Expansion of Authoritarian Rule. Washington D.C.
- Gallagher, Ian, e Abul Taher. 2021. «Where is Noof? Women's rights activist in Qatar, 23, who fled to Britain then returned has VANISHED | Daily Mail Online». *Daily Mail*, 16

- de outubro de 2021. <https://www.dailymail.co.uk/news/article-10099333/Where-Noof-Womens-rights-activist-Qatar-23-fled-Britain-returned-VANISHED.html>.
- Georgetown University. s.d. «Georgetown 360: Zarqa Parvez». Acedido a 24 de setembro de 2022. <https://gufaculty360.georgetown.edu/s/contact/00336000014U4rDAAS/zarqa-parvez>.
- Gray, Vanessa. 2021. «Digital Trends in the Arab States Region 2021». Em , 46.
- Gulf International Forum. s.d. «Dr. Maryam Al-Khater». Gulf International Forum. Acedido a 24 de setembro de 2022. <https://gulrif.org/authors/dr-maryam-al-khater/>.
- Halliday, Fred. 2007. «Ausente das Relações Internacionais: as mulheres e a arena internacional». Em *Repensando as Relações Internacionais*.
- Halliday, Fred, e Gerd Nonneman. 2004. «9/11 and Middle Eastern Studies Past and Future: Revisiting Ivory Towers on Sand». *International Affairs* 80 (5): 953–62. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2346.2004.00427.x>.
- Hurley, Zoe. 2021. «#reimagining Arab Women’s Social Media Empowerment and the Postdigital Condition». *Social Media + Society* 7 (2): 205630512110101. <https://doi.org/10.1177/20563051211010169>.
- «IBM Documentation». 2021. 17 de agosto de 2021. <https://prod.ibmdocs-production-dal-6099123ce774e592a519d7c33db8265e-0000.us-south.containers.appdomain.cloud/docs/en/spss-modeler/saas?topic=help-about-spss-modeler-text-analytics>.
- Instituto Universitário Militar. 2019. *ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS PARA A ELABORAÇÃO DE TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO (2.ª edição, revista e atualizada)*. Lisboa.
- International Labour Organization. s.d. «Countries Covered (Arab States)». Acedido a 12 de maio de 2022. <https://www.ilo.org/beirut/countries/lang--en/index.htm>.
- International Monetary Fund. 2021. *REGIONAL ECONOMIC OUTLOOK, OCTOBER 2021, MIDDLE EAST AND CENTRAL ASIA: Trade-Offs Today for... Transformation Tomorrow*. S.I.: INTL MONETARY FUND.
- International Trade Administration. 2022. «United Arab Emirates - Digital and Information Communication Technology (ICT)». 2022. <https://www.trade.gov/country-commercial-guides/united-arab-emirates-digital-and-information-communication-technology-ict>.
- Jackson, Robert, e Georg Sørensen. 2013. *Introduction to International Relations*. Oxford University Press.
- James-Hawkins, Laurie, Ghada Al-Attar, e Kathryn M. Yount. 2021. «Young Adult Women’s Aspirations for Education and Career in Qatar: Active Resistance to Gendered Power». *Sex Roles* 85 (5–6): 271–86. <https://doi.org/10.1007/s11199-020-01220-3>.
- Jones, Marc Owen. 2021. «Tracking Adversaries and First Responding to Disinfo Ops: The Evolution of Deception and Manipulation Tactics on Gulf Twitter - Project on Middle East Political Science». *Project on Middle East Political Science, Digital Activism and Authoritarian Adaptation*, . <https://pomeps.org/tracking-adversaries-and-first-responding-to-disinfo-ops-the-evolution-of-deception-and-manipulation-tactics-on-gulf-twitter>.
- Katzman, Kenneth. 2022. «Qatar: Governance, Security, and U.S. Policy». R44533. Washington, D.C.: Congressional Research Service.
- Khamis, Sahar. 2019. «The Online Public Sphere in the Gulf: Contestation, Creativity, and Change». *Review of Middle East Studies* 53 (2): 190–99. <https://doi.org/10.1017/rms.2019.41>.
- Kharroub, Tamara. 2022. «Mapping Digital Authoritarianism in the Arab World», 2022. <https://arabcenterdc.org/resource/mapping-digital-authoritarianism-in-the-arab-world/>.

- Mahfoudh, Dorra. 2014. «Le Collectif Maghreb-Égalité 95 : pour un mouvement féministe maghrébin». *Nouvelles Questions Féministes* 33 (2): 132. <https://doi.org/10.3917/nqf.332.0132>.
- Manea, Elham. 2011. *The Arab State and women's rights: the trap of authoritarian governance*. Routledge studies in Middle Eastern politics 37. New York: Routledge.
- Mc Auliffe, Marie, e Anna Triandafyllidou. 2021. «Word Migration Report 2022». Geneva: International Organization for Migration (IOM).
- Middle East Eye. 2022. «“Noof Is Alive”: Qatari Activist Feared Dead Surfaces on Twitter after Months of Silence». *Middle East Eye*, 2022. <http://www.middleeasteye.net/news/noof-alive-qatari-activist-feared-dead-surfaces-twitter-after-months-silence>.
- Milmo, Dan. 2022. «Anonymous: The Hacker Collective That Has Declared Cyberwar on Russia». *The Guardian*, 27 de fevereiro de 2022, sec. World news. <https://www.theguardian.com/world/2022/feb/27/anonymous-the-hacker-collective-that-has-declared-cyberwar-on-russia>.
- Mishra, Smeeta. 2007. «“Saving” Muslim Women and Fighting Muslim Men: Analysis of Representations in The New York Times | Open Access Journals». *Global Media Journal* 6 (11). <https://www.globalmediajournal.com/peer-reviewed/saving-muslim-women-and-fighting-muslim-men-analysis-of-representations-in-the-new-york-times-35266.html>.
- Mitchell, Jocelyn Sage. 2019. «#Blockade: Social Media and the Gulf Diplomatic Crisis». *Review of Middle East Studies* 53 (2): 200–220. <https://doi.org/10.1017/rms.2019.44>.
- Mitchell, Jocelyn Sage, Sean Foley, Jessie Moritz, e Vânia Pinto. 2016. «Space: Female Space: Arabian Peninsula». Em *Encyclopedia of Women & Islamic Cultures*. Brill.
- Mitchell, Jocelyn Sage, Christina Paschyn, Sadia Mir, Kirsten Pike, e Tanya Kane. 2015. «In Majaalis Al-Hareem: The Complex Professional and Personal Choices of Qatari Women». *DIFI Family Research and Proceedings* 2015 (1). <https://doi.org/10.5339/difi.2015.4>.
- Moghadam, Valentine M. 2002. «Islamic Feminism and Its Discontents: Toward a Resolution of the Debate». *Signs: Journal of Women in Culture and Society* 27 (4): 1135–71. <https://doi.org/10.1086/339639>.
- . 2003. *Modernizing women: gender and social change in the Middle East*. 2nd ed. Boulder, Colo: L. Rienner.
- . 2013. *Globalization and social movements: Islamism, feminism, and the global justice movement*. 2nd ed. Globalization. Lanham [Md.]: Rowman & Littlefield.
- . 2014. «Modernising Women and Democratisation after the Arab Spring». *The Journal of North African Studies* 19 (2): 137–42. <https://doi.org/10.1080/13629387.2013.875755>.
- . 2015. «Transnational Feminist Activism and Movement Building». Em *The Oxford Handbook of Transnational Feminist Movements*, editado por Rawwida Baksh e Wendy Harcourt. New York: Oxford University Press.
- . 2017. «Explaining Divergent Outcomes of the Arab Spring: The Significance of Gender and Women's Mobilizations». *Politics, Groups, and Identities* 6 (4): 1–15. <https://doi.org/10.1080/21565503.2016.1256824>.
- Monshipouri, Mahmood. 2004. «O Mundo Muçulmano em uma Era Global : A Proteção dos Direitos das Mulheres». *Contexto Internacional* 26 (1): 187–217.
- Moore-Gilbert, Kylie, e Zainab Abdul-Nabi. 2021. «Authoritarian downgrading, (self)censorship and new media activism after the Arab Spring». *New Media and Society* 23 (5): 875–93. <https://doi.org/10.1177/1461444818821367>.

- Nourai-Simone, Fereshteh. 2005. *On Shifting Ground Muslim Women in the Global Era*. New York: Feminist Press at the City University of New York.
- Odine, Maurice. 2013. «Arab Women Use Media to Address Inequality». *Journal of International Communication* 19 (2): 167–81. <https://doi.org/10.1080/13216597.2013.833537>.
- O'Donnell, Catherine. 2011. «New study quantifies use of social media in Arab Spring | UW News», 12 de setembro de 2011. <https://www.washington.edu/news/2011/09/12/new-study-quantifies-use-of-social-media-in-arab-spring/>.
- Office of International Religious Freedom. 2021. «2020 Report on International Religious Freedom». Washington D.C.: US Department of State. <https://www.state.gov/reports/2020-report-on-international-religious-freedom/>.
- OHCHR. 2022. «In Dialogue with Qatar, Experts of the Human Rights Committee Commend Legislative Revision Efforts and Ask about Stance on Capital Punishment». OHCHR. 2022. <https://www.ohchr.org/en/news/2022/03/dialogue-qatar-experts-human-rights-committee-commend-legislative-revision-efforts-and>.
- Oliveira, Manuela Assunção. 2013. «Mulheres Muçulmanas e Direitos Humanos – a importância do movimento feminista árabe na construção dos direitos das mulheres muçulmanas». *Caderno de Relações Internacionais* 4 (6): 79–128. <https://doi.org/10.22293/2179-1376.v4i6.223>.
- Oppenheim, Maya. 2021. «Activist Noof al-Maadeed confined by Qatari authorities, campaigners warn | The Independent». *The Independent*, 21 de outubro de 2021. <https://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/noof-almaadeed-qatar-twitter-whereisnoof-b1942025.html>.
- Parvez, Zarqa A. 2021a. «Framing Women's Rights and Intersectionality in the Gulf». *Konran Adenauer Stiftung*, 4.
- . 2021b. «Who Is Worthy of 'Women's Rights'? : Intersectionality in Perspective in the Gulf». *Konran Adenauer Stiftung*, n.º 56.
- Pecequilo, Cristina Soreanu. 2003. «O futuro da hegemonia no século XXI». Em *A Política Externa dos Estados Unidos*. Porto Alegre: Editora UFRGS.
- Perniceni, Ada, Bob Willen, Isabel Neiva, e Rudolph Lohmeyer. 2016. «Power Women in Arabia : Shaping the Path for Regional Gender Equality». *AT Kearney*.
- Planning and Statistics Authority. 2019. «Qatar Second National Development Strategy 2018 - 2022». Gulf Publishing and Printing Company.
- Poushter, Jacob, Caldwell Bishop, e Hanyu Chwe. 2018. «Social Media Use Continues to Rise in Developing Countries but Plateaus Across Developed Ones». *Pew Research Center's Global Attitudes Project* (blog). 19 de junho de 2018. <https://www.pewresearch.org/global/2018/06/19/social-media-use-continues-to-rise-in-developing-countries-but-plateaus-across-developed-ones/>.
- «Qatar emir appoints two women to advisory council after men sweep polls | Reuters». s.d. Acedido a 11 de outubro de 2022. <https://www.reuters.com/world/middle-east/qatar-emir-appoints-two-women-advisory-council-after-men-sweep-polls-2021-10-14/>.
- Qatar Foundation. 2020. «QF Empowers Women to Excel in Scientific Innovation Field». 2020. <https://www.qf.org.qa/stories/qf-empowers-women-to-excel-in-the-field-of-scientific-innovation>.
- Qatar Ministry of Foreign Affairs. s.d. «Ministry Strategies». Ministry of Foreign Affairs. Acedido a 19 de setembro de 2022. <https://mofa.gov.qa/en/the-ministry/ministry-strategies>.
- Radsch, Courtney C. 2012. «UNVEILING THE REVOLUTIONARIES: CYBERACTIVISM AND THE ROLE OF WOMEN IN THE ARAB UPRISINGS».

- Rahman, Sami. 2021. «The Female Candidates Making History at Qatar’s Elections». *AlAraby*, 1 de outubro de 2021. <https://english.alaraby.co.uk/features/female-candidates-making-history-qatars-elections>.
- Rocha, Fernando de Brito Mota. 2017. «A quarta onda do movimento feminista: o fenômeno do ativismo digital». São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- Sabbagh, Suha. 1996. «Introduction: The Debate on Arab Women». Em *Arab women*, xi–xxv.
- Said, Edward. 1979. *Orientalism*. New York: Vintage Books.
- Saleh, Layla. 2016. «(Muslim) Woman in Need of Empowerment: US FOREIGN POLICY DISCOURSES IN THE ARAB SPRING». *International Feminist Journal of Politics* 18 (1): 80–98. <https://doi.org/10.1080/14616742.2015.1105589>.
- Santos, Boaventura de Sousa. 2002. «Os processos da globalização». Em *A globalização e as ciências sociais*, 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez Editora.
- . 2008. «Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e outro». *Travessias*, 2008.
- Santos, Fernanda Marsaro dos. 2012. «Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin». *Revista Eletrônica de Educação, Resenhas*, 6 (1): 383–87.
- Sayed, Khalida Tanvir. 2011. «The Qur’an Protects Women’s Rights». Em *Women in Islam*, por Diane Andrews Henningfeld. Farmington Hills: Greenhaven Press.
- Sharify-Funk, Meena. 2005. «Women and the Dynamics of Transnational Networks». Em . New York: Feminist Press at the City University of New York.
- Sjoberg, Laura, e Jonathon Whooley. 2015. «The Arab Spring for Women? Representations of Women in Middle East Politics in 2011». *Journal of Women, Politics & Policy* 36 (3): 261–84. <https://doi.org/10.1080/1554477X.2015.1050902>.
- Statista. 2019. «Qatar: Labor Force Participation Rate by Nationality 2019». Statista. 2019. <https://www.statista.com/statistics/643459/qatar-labor-force-participation-rate-by-nationality/>.
- . 2022. «Social Media Penetration Worldwide 2021». Statista. 2022. <https://www.statista.com/statistics/282846/regular-social-networking-usage-penetration-worldwide-by-country/>.
- Stephan, Rita. 2013. «Cyberfeminism and Its Political Implications for Women in the Arab World». *E-International Relations*.
- Tariq, Nabeela. s.d. «Dr. Buthaina Al Ansari: One of the Arab World’s Most Powerful Qatari Businesswomen». ILoveQatar.Net. Acedido a 24 de setembro de 2022. <https://www.iloveqatar.net/guide/whosWho/whos-who-in-qatar-buthaina-al-ansari>.
- Tazi, Maha. 2021. «The Arab Spring and Women’s (Cyber)Activism: “Fourth Wave Democracy in the Making?” Case Study of Egypt, Tunisia, and Morocco» 22 (9): 19.
- Teixeira e Souza, Sophia, e Julia Bertino Moreira. 2021. «O Feminismo Árabe-Muçulmano à Luz da Teoria Feminista das Relações Internacionais». *Conjuntura Austral* 12 (59): 170–82. <https://doi.org/10.22456/2178-8839.113864>.
- The Islamic Society of Boston Cultural Center. s.d. «What Is Islam». *ISBCC* (blog). Acedido a 15 de maio de 2022. <https://isbcc.org/what-is-islam/>.
- The Lebanese Constitution. 1926. *The 1926 Lebanese Constitution*.
- Twitter Developer. 2022. «Twitter Developer Platform Overview». 2022. <https://developer.twitter.com/en/docs/platform-overview>.
- UN Women. s.d. «UN Women Arab States: Countries». <https://arabstates.unwomen.org/en/countries>.
- United Nations. 2019a. «Arab Digital Development Report 2019: Towards Empowering People and Ensuring Inclusiveness». Beirut: ESCWA.
- . 2019b. «Information and Communication Technologies: Prospects for Promoting Gender Equality in the Arab Region». Beirut: United Nations House.

- . s.d. «Ratification Status for CEDAW - Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination against Women». UN Treaty Body Database. Acedido a 8 de abril de 2023.  
[https://tbinternet.ohchr.org/\\_layouts/15/TreatyBodyExternal/Treaty.aspx?Treaty=CEAW&Lang=en](https://tbinternet.ohchr.org/_layouts/15/TreatyBodyExternal/Treaty.aspx?Treaty=CEAW&Lang=en).
- Veloso, Maria do Socorro Furtado, e John Willian Lopes. 2020. «EXCURSÕES AO CIBERATIVISMO: UMA ANÁLISE DE COMPREENSÕES CONCEITUAIS E TIPOLOGICAS». *Contemporanea | Comunicação e Cultura* 18 (1): 157–79.  
[https://doi.org/10.1007/978-3-319-92354-3\\_16](https://doi.org/10.1007/978-3-319-92354-3_16).
- Wee, Jason, e Sophie Li. 2019. «Politics and Social Media in the Middle East and North Africa: Trends and Trust in Online Information». Topic Report Arab Barometer-Wave V. Politics and Social Media.
- Weiner, Scott J. 2016. «Kinship Politics in the Gulf Arab States». Washington, D.C.: Arab Gulf States Institute in Washington.
- WISE. s.d. «Aysha Al-Mudakha - WISE». Acedido a 24 de setembro de 2022.  
<https://www.wise-qatar.org/biography/aysha-al-mudakha/>.
- WLUML. s.d. «WHO WE ARE». WLUML. Acedido a 1 de outubro de 2022.  
<https://www.wluml.org/howeare/>.
- Women in Business. 2019. «About Us | Women in Business». 2019.  
<https://www.womeninbusiness-mena.com/about-us>.
- Women's Learning Partnership. s.d. «Mission, Vision, and Guiding Principles | Women's Learning Partnership». Acedido a 31 de maio de 2022.  
<https://learningpartnership.org/index.php/who-we-are/mission-vision-and-guiding-principles>.
- World Economic Forum. 2022. «Global Gender Gap Report 2022». Suíça: World Economic Forum.
- Zine, Jasmin. 2006. «Between orientalism and fundamentalism: The politics of Muslim women's feminist engagement». *Muslim world journal of human rights* 3 (1).
- Zorzut, Adrian. 2021. «Chilling final posts of missing Qatari influencer who told pals 'if I'm not online, I'm dead' after returning from UK». *The Sun*, 15 de dezembro de 2021.  
<https://www.thesun.co.uk/news/17050956/qatari-influencer-feared-dead/>.